

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

DÉBORA PRISCILA DE OLIVEIRA

O ENCONTRO COM A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER BENZEDEIRA

**SOROCABA/SP
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

O ENCONTRO COM A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER BENZEDEIRA

DÉBORA PRISCILA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Educação, da Universidade
Federal de São Carlos, para Obtenção do título de
Mestre em Educação na linha de pesquisa
Educação, Comunidades e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dra. Viviane Melo de Mendonça

**SOROCABA/SP
2018**

DÉBORA PRISCILA DE OLIVEIRA

O ENCONTRO COM A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER BENZEDEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, para Obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa Educação, Comunidades e Movimentos Sociais.

Sorocaba, 28 de fevereiro de 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Débora Priscila de Oliveira, realizada em 28/02/2018:

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça
UFSCar

Prof. Dr. Aldo Ambrósio
PUC-SP

Profa. Dra. Dulcineia de Fatima Ferreira
UFSCar

AGRADECIMENTOS

“Segura sua mão na minha para que juntos possamos fazer,
aquilo que não posso fazer sozinha. Se juntos nos fazemos bem,
Será juntos que faremos bem ao mundo”.

Agradeço pelas mãos, pela paciência, pelo cuidado e todo apoio que recebi ao longo desta caminhada.

A você, Viviane, agradeço pela confiança, pelas direções e pela parceria na superação dos desafios e no acolhimento ao longo do processo de redescobertas e ressignificações dos afetos e saberes que me atravessaram.

A você, D. Alzira, agradeço pela graça do aprender, pela singularidade do nosso encontro, onde meu Ser se refez diante do seu saber.

A vocês, mãe e pai, agradeço pela dedicação em alicerçar meus sonhos e me apoiarem ao longo da caminhada da vida.

A vocês, Cíntia e Caique Miguel, agradeço pela completude de nossa tríade, que traduz nos gestos de partilha e afeto nossas cumplicidades.

A vocês, minhas avós e meu avô, agradeço por me mostrarem as linhas que me ajudam a guiar a aventura da vida, que a experiência seja sempre o dom da bem-aventurança.

A você, Rodrigo, agradeço pela parceria, pelas injeções de ânimo que ao seu olhar pequeno que me abriga.

A você, Carlos Cavalheiro, pelos atalhos que me auxiliaram na chega as portas do meu recorte de pesquisa, pelas conversas e a sua vasta experiência com olhar sobre o saber popular de nossa região.

A vocês, meus caros e caras alunas, me inspiram a partilhar as conquistas e alargar o olhar para as novidades cotidianas.

A você, Mayris, agradeço pela partilha do olhar, da militância e de nosso florescer mulher que se expande nos encontros e confissões. Gratidão!

A vocês, Catarina e Marina (filhas da D. Alzira), por me acolherem com tanto carinho.

A você, Ademir, por olhar para minha caminhada e estar sempre de braços

abertos para abraçar e prostrar.

A vocês, Rebeca, Hércules, Daiana, Pâmela, Priscila, Thaís, Stefany, Clodoaldo e Ana Castro, meus irmãos de alma. Pelas trocas de detalhes que passaram a colorir minhas palavras, olhares e gestos.

A você, professora Dulce, minha madrinha espiritual na academia. Muito obrigada, por me ajudar a fazer o corpo vibrar e a transvalorar meus medos na cura da escrita.

A você, professor Aldo, por ler com cuidado minhas palavras e me auxiliar no fechamento desta etapa de meu caminhar. Gratidão!

Agradeço a todas as almas amigas que me ajudaram nesta travessia, que a energia divina continue a nos guiar, na medida em que caminhamos no feito do bem comum.

Oliveira, Débora Priscila

O ENCONTRO COM A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER
BENZEDEIRA / Débora Priscila Oliveira. -- 2018.

83 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus
Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Viviane Melo de Mendonça

Banca examinadora: Aldo Ambrózio, Dulcineia de Fatima Ferreira

Bibliografia

1. Memória, Saber da experiência, História oral. I. Orientador. II.
Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano – CRB/8 6979

Oliveira, D. P. **O encontro com a história de vida de uma mulher benzedeira.** Sorocaba, 2016-2018, 93 fs. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós – Graduação em Educação, Departamento de Ciências Humanas e Educação. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba/SP, 2018.

RESUMO

Este trabalho é resultado de um processo de acolhimento de memórias e suas ressonâncias (BENJAMIN, 1994), que se encontraram e se desenvolveram por meio do acesso à história de vida de uma mulher benzedeira. Delineando-se em uma escrita feminina que busca recontar e reafirmar a posição da mulher na luta pelo seu espaço de existência e conhecimento, onde o saber da experiência (LARROSA, 2016) torna-se um importante campo para a reflexão que transita do saber intuitivo (BERGSON, 1979; MERLEAU-PONTY, 1984) ao processo da troca de saberes, de uma tradição que neste olhar se voltou ao benzimento, visto também como um processo de educação não escolar, mas de uma educação emergente do povo sobre a vida, permitindo-se configurar no resgate do valor de uma tradição do saber-fazer, assim uma educação que se volta a emancipação da vida (FREIRE, 1980). E para tal empreendimento a abordagem metodológica que muito auxiliou o percurso da vivência de campo foi a história oral (BOSI, 1981), que destacou o valor das anunciaçãoes que o recordar nos oferece ao resgatar a história e as marcas dos vencidos.

Palavras-chave: Memórias; História de vida; Saber intuitivo; Saber da experiência; História oral.

ABSTRACT

This is a work and process of receiving memories and their resonances (BENJAMIN, 1994), which are welcome and known through access to the life story of a woman who is a healer. A Language, 2016) becomes an important field for a reflection that transits from intuitive knowledge (LARROSA, 2016) becomes an important area for a reflection that transitions from intuitive knowledge (BERGSON, 1979; MERLEAU-PONTY, 1984) to process of flavors exchange, of a tradition that is not what is the case, but also of a process of non-school education, but of an emergent education of the people about a life, allowing itself to be configured in the recovery of the value of a tradition of know-how, as well as a reality that is an emancipation of life (FREIRE, 1980). The objective is to create a research and the dissemination of market opportunities for an oral history (BOSI, 1981).

Keywords: Memories; Life's history; Intuitive knowledge; Knowledge of experience; Oral history.

FIGURAS

FIGURA 1 – O encontro no quintal (D. Alzira e eu)	20
FIGURA 2 – D. Alzira e o pé de manga.....	21
FIGURA 3 – Imagem retirada do livro: A história das mulheres no Brasil. PRIORI, Mary Del. 2013	38
FIGURA 4 – D. Alzira sentada ao lado do pé de limão	51
FIGURA 5 – Imagem de João de Camargo (Registrada na capela)	56
FIGURA 6 – Entrada do velário (Registrada na capela de João de Camargo)	60
FIGURA 7 e 8 – Velas do velário (Registrada na capela de João de Camargo)	60
FIGURA 9 – Capela das velas (Registrada na capela das velas)	61
FIGURA 10 e 11 – Preta Velha (Registrada na loja sete flechas).....	62
FIGURA 12 – Preto Velho (Registrada na loja sete flechas).....	63
FIGURA 13 – Caboclos (Registrada na loja sete flechas).....	63
FIGURA 14 – Preta Velha (Registrada na loja sete flechas).....	64
FIGURA 15 – Bica de água benta da capela de João de Camargo.....	65
FIGURA 16 – Capela de João de Camargo.....	66
FIGURA 17 – Altar do meu quarto.....	66
FIGURA 18 – Altar particular.....	66
FIGURA 19 – Altar particular.....	67
FIGURA 20 – Capela do quilombo Cafundó.....	67
FIGURA 21 – Altar particular.....	67
FIGURA 22 e 23 – Capela do quilombo Cafundó.....	68
FIGURA 24 – Velas do altar particular.....	68
FIGURA 25 – Altar particular.....	69
FIGURA 26 – Altar da qualificação da pesquisa.....	69
FIGURA 27 – Altar da qualificação da pesquisa	69
FIGURA 28 – Altar particular.....	70
FIGURA 29 – Altar do meu quarto.....	70
FIGURA 30 – Altar da D. Alzira.....	70
FIGURA 31 – Totem das lágrimas.....	72

FIGURA 32 – A vela de um fim de tarde.....	73
FIGURA 33 – (Imagem editada) retirada da contracapa do livro <i>A divina comédia</i>	81

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	19
1.1 OS BENZIMENTOS DE D. ALZIRA	29
1.2 O CORPO FEMININO NA MENTALIDADE DO BRASIL COLÔNIA	37
1.3 PÚBLICO VERSUS PRIVADO: ONDE É LUGAR DA MULHER?	40
1.4 O CAMINHO DA METODOLOGIA DE PESQUISA	42
CAPÍTULO 2.....	49
2.1 PEDAGOGIA ESPIRITUAL.....	53
2.2 ENSAIO FOTOGRÁFICO: A CENA DO VELÁRIO	57
CAPÍTULO 3.....	70
CAPÍTULO 4.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa, ou, desafio de observação e implicação da experiência a partir do trabalho de campo e sua ressignificação, no saber do benzimento, colocou-se a retratar alguns aspectos de resultados empíricos, por meio do encontro entre subjetividades e suas subjetivações.

Este processo tomou para si um recorte temático que se dispõe a refletir sobre os contornos e condições para uma reflexão voltada ao campo da educação e também sobre uma das tradições do saber popular, que neste caso se refere a tradição das benzedeadas. Que contemplam uma categoria de existência e existencialização enquanto conceitos e experiências vivenciadas, que perpassaram vastos sistemas de reflexões provenientes do campo metafísico até a finalidade do pragmatismo, na medida em que essas mulheres se tornam capazes de lidar com as necessidades humanas, referentes a saúde do corpo e da alma.

Assim, o objetivo deste trabalho foi destacar alguns esboços que se tornaram possíveis na partilha da escrita, considerando suas limitações na composição de um caminho para o exercício de experimento estratégico e analítico da vida como a produção de um saber-fazer, que no talhar do curso desta escrita se traduz pelas narrativas e nos retratos de olhares ofertados por este processo de coleta de um saber da experiência.

Considerando o campo da experiência uma via singular que também se associa a generalidades éticas, políticas e sociais, como o campo das questões de gênero e classe, onde o recorte histórico levantado busca questionar a ausência das mulheres na história seguindo ao encontro do lugar de conhecimento da mulher na sociedade, abre a intenção que organiza este trabalho que buscar resgatar o saber-fazer e a posição de transvalorização da mulher, enquanto uma figura de saber e poder na sociedade ocidental colonizada, que a invisibilizou por séculos.

Deste modo a caminhada deste percurso possibilitou também uma espécie de tradução do sentido da arte enquanto um ofício do saber-fazer em nome do bem-querer, neste caso arte refere-se ao saber do benzimento e seu valor como uma manifestação metafísica do mundo, ao transvalorar as ações e os afetos na relação do cuidado. Partilhando nesta direção a abordagem de Merleau-Ponty, ao tratar do

valor da significação da experiência do homem com o saber em sua relação com o mundo em *O metafísico no homem*, diz:

A metafísica não é uma construção de conceitos por cujo intermédio tentaríamos tornar nossos paradoxos menos sensíveis – é a experiência que temos deles em todas as situações da história pessoal e coletiva, e das ações que ao assumi-los, os transformaram em razão. É uma interrogação que não comporta respostas que a anulem, mas somente ações resolutas que a transladam para mais longe. Não é um conhecimento que viria terminar o edifício dos conhecimentos; é o saber lúcido daquilo que os ameaça e a consciência aguda de seu preço. A contingência de tudo que existe e de tudo que vale não é uma pequena verdade que seria preciso alojar mais ou menos em alguma dobra do sistema – é a condição de uma visão metafísica do mundo. (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 190).

Nesta direção, estudar e pensar acerca do movimento da vida deveria ser tarefa de todo ser humano racional, que carrega em seu existir a liberdade de escolha em meio ao fluxo dos pensamentos, ao fazer do pensar a morada de cada um em si. Assim que os pensamentos sejam libertos, e as emoções curadas pelas graças da temperança, termo este que se apresenta como uma das grandes virtudes entre os gregos, pode ser significada pela espera do tempo das coisas, do tempo que os sabores da vida se demoram para maturar, para tornar-se a chave do segredo na magia do existir. Fazendo do tempo aquilo que passa a nortear os saberes do campo, do trabalho e conseqüentemente da coleta dos resultados, que só se validam no encontro entre os afetos.

A temperança no cotidiano pode se revelar também como o tempero da vida, o sabor sazonal do tempo e seus ciclos de duração na colheita das frutas de cada época. Talvez este seja o sentido do conceito para a experiência que vos fala, a experiência da pesquisadora que só conheceu o segredo do saber da experiência apreciando as ondulações do tempo que a formou.

Ainda considerando o peso da temperança enquanto tempero – da – esperança = espera que nunca se cansa, o caminho da escrita, da seleção, da colheita e da descoberta que se permite na partilha destas palavras a tentativa de descrever alguns fluxos de pensamentos e experiências vividas, que se agenciam aos afetos que tornaram possível este olhar.

O deslocamento de uma pesquisadora em movimento de encontro e reflexos com suas marcas

Ao ajustar os primeiros passos que despertou o interesse que norteia este trabalho, foi no impulso por conhecer o universo do benzimento que ele se aflorou, seguido das portas que se abriram a partir do encontro com a benzedeira, o qual desde início me colocou contra a parede, apontando o compromisso junto da decisão de avançar ou recuar, momento em que a pesquisa também passou de investigação para escola, onde a educadora e aluna acadêmica aceita a posição de uma aprendiz de benzedeira, caminho que transvalorou os objetivos e cursos deste trabalho de registro e questionamentos sobre a educação e o sentido que esta pode proporcionar a vida.

Tornar-se aprendiz neste processo foi a fenda para a implicação que favorece a estrutura desta escrita, onde o universo do benzimento não é apenas um campo de observação distante e classificável em suas práticas e finalidades, mas também o meu campo de amadurecimento do olhar sobre a vida e a natureza que nos configura como existentes nesta esfera denominada Terra. É reconhecer o olhar de uma mulher humana e associada a uma tradição que reconhece a condição humana de habitar a natureza da Terra.

O tema e o percurso que mobilizou esta metodologia de pesquisa, iniciou seu contorno por meio do desejo que passei a carregar a partir do momento em que parei para pensar sobre as mulheres, e minha relação com o mundo também enquanto mulher, considerando que as marcas deste Ser mulher na sociedade brasileira e ocidental a qual pertença é também um dispositivo de luta e enfrentamento na transvaloração das relações sociais, contra a invisibilidade e o silenciamento do saber e do existir das mulheres que também compõem a história desta sociedade.

E este movimento teve início no ano de 2015 para ao longo de 2016, ao me deparar com a linha de pesquisa em “Educação, Comunidade e Movimentos Sociais” do programa de pós-graduação em educação da Ufscar-campus Sorocaba-SP. Que me apresentou uma trilha de oportunidades frente aos seguimentos da linha de pesquisa, na possibilidade de pesquisar as questões de gênero e sexualidade, assim comecei a tatear meu recorte de pesquisa, que já tinha como certo o olhar sobre as mulheres, mas, quais seriam essas mulheres, quais seriam as questões levantadas

por elas que me atravessariam o desejo de estudar?

Neste caminhar as questões internas que passaram a se encontrar com a realidade externa e comum a todos, conforme os reflexos que permeiam e norteiam as questões sociais, partir da minha formação acadêmica até os questionamentos salutares que despertaram várias direções para a expansão de meu olhar sobre o universo da pesquisa, na medida em que comecei a cursar como aluna especial duas disciplinas durante o ano de 2015, várias portas e janelas começaram a se abrir para a composição deste percurso.

O retorno a universidade após quatro anos da conclusão de meu curso de graduação em filosofia, permitiu o desencadeamento de um processo de amadurecimento do despertar para várias inquietações, sobre algumas questões metodológicas referentes a educação e ao processo de conhecimento, em que estamos condicionados a seguir e tomar o crivo da verdade como algo fixo e inquestionável. Entre estas questões que geraram a disposição de meu deslocamento, encontra-se também minha posição frente ao feminismo, algo que me mobilizou a pensar as relações e estruturas de poder que alicerçaram nossa sociedade. Em meio a estas questões que passaram a me atravessar, fui levada a caminhar em direção a pesquisa. Caminhada esta que revelou o peso e a importância das incertezas que carregamos, ao contrário das certezas como menciona JAPIASSU:

[...] a pedagogia da incerteza tenta relativizar a produção científica e a do ensino das ciências. Porque esta é uma das condições para que os alunos desenvolvam sua capacidade crítica, assumam-se como personalidades individualizadas e criativas, capazes de não viverem apenas à sombra dos professores, dos autores célebres que lhes serviriam de muletas ou de uma escola de pensamento que os enquadraria em esquemas mentais rígidos e dogmáticos. (JAPIASSU, 1983, p.19)

Desafiar as certezas, mudar o patamar e a hierarquia das posturas que o conhecimento tendem a ofertar, foi o combustível para esta caminhada, a professora que sentia já não saber mais nada, a aluna curiosa pela aventura de novos campos de saberes, ao mirar a janela dos saberes populares onde a escola não é apenas um prédio, um parâmetro curricular, ou um porto seguro detentor do conhecimento absoluto, mas a própria vida e seus desdobramentos, a vida e as aventuras dos encontros e suas trocas de afetos marcadas pela história de uma experiência vivida e

suas descobertas e pelo comungar da partilha, o florescer dos ensinamentos que atinge toda e qualquer singularidade que se arisca no desafio do refazer-se, no reinventar-se que impulsiona o contato com o outro. Assim se torna possível constatar que o saber e o conhecimento se manifestam na ressignificação dinâmica do mundo.

O saber e o conhecimento são heranças deixadas pela humanidade no movimento entre as gerações e as civilizações, mas seus valores só se atualizam no contato com a vida, com a potência que se apropria do legado e mediante as contradições do tempo presente, mantém a seu modo a raiz do que realmente permitiu o acesso à antiga novidade do devir.

Posso dizer que este movimento reflexivo sobre uma epistemologia do saber e do conhecimento, da incerteza e da verdade, possibilitou a chegada ao enquadramento de meu olhar para o tema de minha pesquisa. E neste caminhar houve um momento certo para que eu pudesse atingir esta fenda.

Durante uma das disciplinas cursadas como aluna especial em 2015, tive a oportunidade de vivenciar a experiência de um trabalho de campo, que na metodologia freiriana também pode ser chamado de círculo de cultura. Nesta ocasião a professora Dulce¹, responsável pela disciplina, sugeriu que os alunos em grupos apresentassem suas abordagens temáticas desenvolvidas ao longo dos estudos durante as aulas daquele semestre, na forma de círculos de cultura², podendo ser realizada a atividade fora da sala de aula e certamente fora da universidade. Foi assim que um dos grupos nos levaram até a capela de João de Camargo, localizada na Av. Barão de Tatuí em Sorocaba-SP. Este grupo apresentava a proposta de se pensar sobre as questões étnico-raciais e também sobre um processo de educação não formal a partir do contato com os ensinamentos de uma espiritualidade de matriz afro-brasileira, e os valores provenientes da cultura africana.

Foi entrando em contato com esse momento proporcionado pelos colegas da disciplina que muitas marcas³ começaram a se despertar em mim. Lembro que

¹ Profa. Dra. Dulcineia de Fatima Ferreira, disciplina: Aspectos Epistemológicos e Ontológicos da Pedagogia Freireana.

² Círculos de cultura foram procedimentos de práticas pedagógicas desenvolvidas por Paulo Freire, de acordo com uma abordagem capaz de estimular o senso crítico no processo de alfabetização de jovens e adultos. Ao considerar as referências culturais e sociais que cada aluno trazia para o momento da aprendizagem.

³ Sueli Rolnik (1993) se refere as marcas como “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre

naquele dia fiquei muito emocionada com a vivência proporcionada pelos colegas, e também por atender a igreja de João de Camargo, a qual reverberou no acesso ao tema de minha pesquisa pouco tempo depois.

Passado algum tempo, após o término da disciplina, convidei minha mãe para ir comigo visitar a capela novamente. E neste momento eu estava me planejando para a escrita do meu projeto de pesquisa para prestar o processo seletivo do programa de pós-graduação em educação. Durante a visita me veio uma vontade muito forte de pedir uma ajuda para a definição do recorte temático do projeto de pesquisa, assim fui até a urna de pedidos da capela e escrevi um bilhete pedindo justamente isso, um tema para a pesquisa. E o atendimento foi imediato, pois, ao colocar os pés para fora da capela me veio à mente uma questão: por que não olhar para as benzedeadas?

Fiquei surpresa e um pouco atordoada, pois não tinha ideia de como trabalhar com a questão naquele momento, o que me levou a conversar com as pessoas mais próximas sobre o tema que veio ao meu encontro. A primeira pessoa que fui procurar foi minha avó Adelícia, pois ela veio do sertão da Bahia, onde se casou com meu avó e seguiram rumo ao interior de São Paulo constituíram a família no distrito rural de Marília-SP numa cidadezinha conhecida por Oscarbresane-SP, e por conta deste itinerário de vida ela trazia muitas histórias de parteiras e benzedeadas, afinal nove de seus onze partos foram realizados em casa com auxílio de parteiras, e toda vez que seus filhos adoeciam o tratamento era feito à base de chás, rezas e benzimentos.

Neste momento, minha avó ficou meio desconfiada sobre meu interesse, apesar de toda sua experiência com este universo, hoje podemos dizer que certos aspectos da religiosidade que se prendem as regras dogmáticas da institucionalização da fé, tem propagado um certo descrédito e muitos preconceitos ao valor dos benzimentos, das simpatias e os conhecimentos proporcionados pelos cuidados provenientes do uso que as ervas medicinais carregam. Assim, por conta de alguns bloqueios pessoais pouco foi sua abertura para falar sobre estas questões, mas minhas tias ao contrário, foram partilhando as memórias e experiências que vivenciaram com este universo na infância até a juventude.

Mas logo que comecei a levantar o pretendo tema de pesquisa para outras pessoas, o campo foi se alargando ainda mais, até que um amigo Carlos Cavalheiro

me indicou a conhecer D. Alzira. E ao longo da produção do projeto de pesquisa, muitas histórias e indicações de benzedeadas foram me chegando, num primeiro momento foi até curioso, pois no início cheguei a pensar que não seria fácil encontrar uma benzedead, acreditando que esta prática já estava em desuso, e que muitas já haviam morrido e levado consigo a tradição do benzimento.

Até que este mesmo amigo que me apresentou a D. Alzira, me informou de um evento que aconteceria em meados de setembro na cidade de Valinhos-SP, o “Revelando São Paulo”, que é um evento de cultura tradicional onde ocorre feira de artesanato, culinária, apresentações culturais de dança, música e rodas de conversas sobre as manifestações culturais do interior paulista ao longo de uma semana. E em meio as atrações do evento, teve uma roda de conversa sobre benzimento, e foi nesta ocasião que me deparei com a contradição de minha impressão prévia. Neste evento havia muitas benzedeadas e benzedores de diversas religiosidades e idades, foi uma experiência decisiva para o caminhar da pesquisa, neste encontro ocorreu muitas trocas de simpatias, rezas e benzimentos, além de uma importante reflexão sobre a tolerância e o respeito entre as religiosidades nos dias de hoje.

E a marca mais forte que este dia me deixou foi a prece de uma senhora que era mãe de santo, e compartilhou com todos os presentes, no fechamento da roda de conversa proporcionada pelo evento. Ela dizia: “Segura sua mão na minha, para que juntos possamos fazer aquilo que não posso fazer sozinha. Se juntos nos fazemos bem, será juntos que faremos bem ao mundo”. Esta prece foi tão forte quanto a questão que me foi apresentada na saída da capela de João de Camargo, assim tomei pra mim as palavras daquela senhora como o propósito do meu recorte de pesquisa que se tornou o olhar para o benzimento a partir do universo das benzedeadas.

Após a avalanche do evento e o acúmulo prévio de enunciados sobre o recorte de pesquisa, segui rumo a empreitada que me atraía.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos / encontros:

- **Capítulo 1** – O encontro com a história de vida de uma mulher benzedead
- **Capítulo 2** – O encontro do saber da experiência com o desvelar de uma pedagogia espiritual
- **Capítulo 3** – Uma reflexão sobre o saber intuitivo e o saber da fé
- **Capítulo 4** – O campo dos saberes e a economia da vida

- **Considerações finais:** Uma breve reflexão sobre a caminhada

CAPÍTULO 1

O encontro com a história de vida de uma mulher benzedeira



Imagem 1

Fonte: elaborada pela autora

O D. Alzira, a benzedeira que me acolheu. Compartilhou seu baú de histórias e o valor do saber cuidar. Me ajudando deste modo com o exercício de retorno a infância, me reconheço diante do apreço pela escuta das histórias narradas por meu avô após os almoços de domingo. Em que toda vez que o velho seu Chico abria o baú de suas memórias, trançando empolgações com seus filhos, meu pai e meus tios, eu a neta viajante, navegava naqueles enredos, mergulhando naqueles tempos em que eu nem existia. Mas podia participar por meio da observação que a escuta me conduzia como integrante daquelas histórias que com o passar do tempo passaram a me pertencer também, na medida em que eu as internalizava, e assim nutria o curso de meu vir-a-ser.

Tornar-me pesquisadora e trabalhar com a história de vida de uma mulher

benzedeira, por meio da história oral, me ofertou uma série de possibilidades para a reflexão acadêmica, que pode se estender desde uma análise das práticas de seu saber tradicional no campo da cultura popular com o ofício do benzimento, até implicações políticas como a intolerância religiosa, a invisibilidade da mulher frente ao espaço público, um olhar sobre a legitimidade de seu saber frente a outras justificações de cura. No entanto, a questão que talvez permita ou não o trânsito por todas estas considerações possíveis sobre esta mulher, que não é parte de um determinado grupo em estudo, nem uma personagem de um romance de literatura específico, mas uma pessoa como tantas outras, que em sua singularidade carrega suas histórias configuradas por sua experiência de vida. É justamente neste ponto da experiência de vida que meu processo de pesquisa começa a caminhar.

Gostaria de apresentar os primeiros passos que me levaram aos encontros com a D. Alzira, minha colaboradora e interlocutora, que abre seu baú de memórias me conduzindo a navegar por entre suas histórias e saberes, mostrando o quão vasto é o campo da sabedoria de uma vida simples e estimada por esta benzedeira.

D. Alzira, uma senhora que apesar das dificuldades enfrentadas ao longo da vida, nos transmite seu apreço por ela, que se revela na longevidade e na generosidade, sinalizada por sua trajetória de solidariedade para com o próximo, traduzida enquanto vigor de suas ações de bem.



Imagem 2

Fonte: elaborada pela autora

Alzira Beline das Neves, 92 anos de idade. Natural da cidade de Dois Fornos localizada no interior de São Paulo. A mais de sessenta anos reside na cidade de Sorocaba localizada no interior de São Paulo, esta senhora constituiu seu lar em uma casa simples repleta de plantas e flores, habitando uma espécie de chácara urbana, pois a localidade de sua residência encontra-se em uma região comercial bastante valorizada na cidade, situada entre a Avenida Barão de Tatuí e Avenida Washington Luiz.

Esta localidade onde habita D. Alzira destaca-se em meio a uma contradição capaz de reverberar a força do aconchego de seu lar na emergência de uma espécie de resistência, frente a dinâmica e avassaladora disparada que tem reconfigurado o perfil das cidades, que passam a se perder na concretude cinza promovida pela valorização do espaço econômico, que cada vez mais tem escapado do respiro salutar de lugares mais firmados com o meio natural.

Esta mulher, mãe de sete filhos, que gerou onze filhos, perdendo quatro ainda pequenos, hoje é avó e bisavó, acolhedora e cuidadora se fazendo referência na memória local, do tempo e da saudade de tudo aquilo que as relações de captura do capital vem liquidando, enquanto valores e afetos capazes de proporcionar um bem viver.

D. Alzira começou a benzer desde de muito cedo, na medida em que se percebia um ser diferente das demais pessoas da família com quem convivia na infância, a partir da definição que seus familiares e amigos que lhe apresentavam como uma menina de reza forte, uma menina de muita fé. Sendo convidada pelos mais velhos para rezar nos períodos de seca para a chuva chegar e para colheita ser prospera. Assim até hoje muitos que ainda a rodeiam, como seus filhos, netos, amigos e toda boa alma que por seu lar passa, reconhece em D. Alzira a sublimidade de seu vasto acolhimento. Gesto este de um espírito velho e suave na grandiosidade, capaz de avistar de longe o estar em paz e propagar o bem-querer, responsável no cultivo do amor e da gratidão, pois é neste enlace com a vida que ela se multiplica, e permite a imortalidade de um Ser pelo ofício de sua alma.

Esta mulher, já compreendia deste muito cedo os desafios da empreitada de seu ofício, o trabalho do lar, os afazeres da casa, isso foi para todos na infância. Alzira e seus irmãos reconheceram no prelúdio da vida a temperança do tempo, a presença

dos avós, imigrantes italianos e agricultores. Que lhes revelaram o mundo e seus segredos, na surpresa dos fatos, na consequência das escolhas, na trajetória da vida que lhe definia como menina de fé, mulher de trabalho, mãe detentora do sustento de seu teto, a responsável em dignificar seu lar. Em meio as conversas, sempre dizia:

Nunca fui pra escola, mas aprendi muito da vida, sempre estava atenta aos dizeres de minha avó, ela era mulher muito estudada, tinha até uma bíblia banhada a ouro. E nos fazia leitura, ensinava rezar, no falava sobre muita coisa da vida, que ela preciso ser atento aos conselhos dos mais velhos. E eu era muito atenta aos ensinamentos dela e de meu avô, sabia que tudo que ele passavam pra gente era muito valioso naquele tempo que a gente era pequeno.(D. Alzira, depoimento de maio de 2016)

Por fim, a eterna semeadora do bem, sem pretensões agrícolas de acúmulos na colheita, mas na certeza de uma vida bem vivida, sem mais tempo para depois. Por ser expectadora da própria estória, o que é um privilégio para poucos Seres encarnados na missão da existencialização, expressão esta que se revela após maturar os conceitos de “existência”, que provem do “existencialismo”, eis que uma rearticulação dos sentidos da ação diante da existência, assim a “ação”, que vela e revela a sua essência enquanto fruto e consequência da existência, é também detentora de um mérito à custa de uma legionária saga de deméritos no enredo das mulheres curadoras, uma alma a frente da ressignificação da tragédia no espírito da comédia, ao longo de uma vasta história silenciada de mulheres que não puderam ser lembradas.

Com a D. Alzira aprendi lições para a vida, cuidados para com a alma. Isso só foi possível a partir do reconhecer e compreender o valor de suas palavras, o compromisso com os acordos, a avaliação contínua do processo de demarcação, apuramento e refinamento das condições para Ser.

Toda dificuldade é vitória para uma mulher, não no sentido de sacrilégio, pois a sofrência é o mal externo do homem e seu legado paternalista, que em meio a vaidade cultiva as perseguições do ego, e se priva das bem-aventuranças da vida, permitindo a ironia salutar de um ditado popular: “Viva Viva São Thomé que não se cansa de bater no pé, na medida em que só se ver para crer”. Ver para crer é o desafio aos condenados ao ceticismo inconsequente, frágil e desequilibrado de valores, a dúvida é o limiar entre o propósito e o compromisso.

Em tempos como os de hoje, duvidar também é preciso, é o oxigênio nos

mergulhos profundos para as buscas, mas toda dúvida carrega em seu íntimo uma certeza, eis o exemplo da dúvida hiperbólica de Descartes. E em nome desta certeza que ao longo de toda humanidade e civilidade de nossa complexa sociedade que se voltou a busca de provas no intuito de desfrutar o caminho para uma verdade segura, é preciso cuidado com a cristalização desta verdade que se generaliza, se unifica e passando a fragmentar as potências de vida. Deste modo, olhar para o benzimento não é questionar sua eficácia, mas buscar entender o que permeia o universo desta prática, e o valor que a vida carrega neste ambiente do cuidar, do guardar e do saber. Segundo OLIVEIRA(1985):

As características raramente abordadas nos ofícios de estudos sobre benzeção, medicina popular, fazem parte de uma história, de uma cultura e, ao mesmo tempo, de um processo de produção da vida. Somente alcançando esse espaço social onde ele ocorre é que podemos perceber as suas diferenciações simbólicas. O ofício da benzeção constitui um sistema próprio da cura, relativamente autônomo. É um ofício artesanal dentro de um modo de produção capitalista. (OLIVEIRA, 1985, p.69).

O benzimento e a benzedeira acompanham o curso das necessidades que em muitos casos e situações é tido como único recurso, assim a fé se torna um forte agente na demanda por solucionar o problema, a doença, a tristeza que enfraquece a alma. Onde o conhecimento do ato de benzer é resultado das ações maturadas do bem-dizer, do bem-querer e do bem-fazer.

A benzedeira do passado como a de hoje, também conhecida como a terapeuta do lar. Mãe, mulher, cuidadora, sabedoria ancestral e restauradora dos bens para a alma, provedora da cura dos medos, dos tormentos da alma e das doenças do corpo. As mulheres do benzimento, deste ofício do bem, trazem em si o saber e o olhar para as almas e em seu bem-fazer lidam com elas na promoção do bem. Para entender e poder contar sobre o que aprendi neste campo de saber, foi preciso antes de tudo e qualquer “troca de saber” eu me agenciar neste campo, que é o benzimento na esfera do saber popular. Comecei a trilhar a pesquisa com o benzimento olhando para as frações da vida e do tempo. Ao lado, entre laterais e meridionais dos fluxos da vida fui criando um sistema para experimentar as técnicas de observação.

Neste processo passei a me utilizar de aspirações possíveis que me atravessaram ao visualizar e vislumbrar os efeitos da comunicação emergente na

vivência de campo, seguidas pelas reflexões teóricas sobre o contato com a realidade e o afeto provocado por esta, germinando pôr fim a transvaloração do debate acadêmico.

Provocada pela disposição dos deslocamentos e desdobramentos da malha que envolve o ofício e artifício ético e científico. Como resultado da experiência de conhecimento, a produção de um registro para além da descrição do processo de observação e implicação se fez necessário, mas também desenvolvido como um ritual, na condição de um recurso de oferta da cura para quem a alma se apura feito doce caseiro. Neste sentido, o processo de pesquisa se encaminhou para além da leitura e da escrita dos legados de conhecimento da tradição formal, que desde os pergaminhos os registros já ultrapassavam as palavras faladas, chegando ao contato com a significação da vida, como dizia Manuel de Barros:

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entresonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora. (BARROS, 2003, p.60).

Olhar para a trajetória de existência desta mulher foi também uma provocação para considerar a minha trajetória também como parte deste percurso, que só foi possível diante de uma escala gradativa do sabor da vida, do mel que nos toca o paladar pela medida em que as pistas do olhar nos revelam os segredos do mundo e o fim dos mistérios da realidade, ou seja, o exercício do olhar para fora e para dentro. Esta caminhada pela busca do saber me norteou pelos sons, pelos cheiros e toques

recomendados na implicação do olhar, do aflorar, do sentir que se permitiu o amadurecimento do recordar mediador entre os significados e as descobertas, alinhador dos compromissos com as confidências no cuidado com o retratar. Que permitiu a compreensão de que todo recordar e retratar é fruto de um florescer da lembrança preservada, que nos liga, religa, conecta ao que fomos e o que agora somos enquanto humanidade, enquanto Ser no mundo, enquanto processos de agenciamentos mediatos pelos afetos e as marcas do tempo.

Ao lidar com as memórias, foi preciso se desafiar diante das vibrações de uma vida encarnada, de um paralelismo como já bem orientado por Espinosa, que prevê a vitalidade do presente: “O homem é afetado pela imagem de uma coisa passada ou de uma coisa futura do mesmo afeto de alegria ou de tristeza de que é afetado pela imagem de uma coisa presente.”⁴. Neste encontro da subjetividade com a partilha dos afetos, dos saberes que orientam a realidade na configuração do objetivo comum, o benzimento perpassa gerações, reterritorializa tradições em nome da preservação do estar vivo.

A escola do benzimento para as benzedoras é a escola da vida, quando a simpatia dos olhares e do tempo devotado à escuta passam a firmar os acordos entre a mestra e sua discípula, o que por D. Alzira passou a ser definido por obrigações. Que se configuraram na dinâmica dos favores, e nos laços de confidências e compromissos, onde neste caso descrito, iniciou-se logo no primeiro encontro, onde uma série de rezas, benzimentos e simpatias foram partilhadas, na medida em que a filha de D. Alzira, a Catarina sugeriu a possibilidade de transcrição de suas rezas, que estavam sendo gravadas naquele primeiro contato de partilha.

Neste momento me coloquei a disposição para efetuar a tarefa sugerida, o que permitiu a chegada ao segundo encontro com as rezas transcritas, e algumas cópias a mais para presenteá-las. Foi nesse dia em que vivenciei o prazer de compreender a definição de obrigação traduzida por D. Alzira, e que transgredia tudo o que até então eu compreendia sobre a palavra. A obrigação tornou-se gratidão e quando sentimos gratidão é preciso retribuir, pois poderá ficar devendo obrigação a quem se é grato.

Essa dinâmica de entender a obrigação foi muito intensa, ao cumprir a tarefa

⁴Spinoza, p.111. Prop.18 da P. 3

do acordo para com D. Alzira, algo que parecia muito simples de ser realizado frente a tudo o que esta senhora me oferecia, foi a chave que alargou a vivência que pude desfrutar ao seu lado durante os encontros semanais, que definiram a vivência de campo. Fui compreendendo não pelas palavras, mas pelos gestos daquela senhora extremamente cordial, que na sequência me presenteou com uma penca de banana da terra. Eu na obrigação de retribuir levei uma castanha chamada coronha, que atenta ao ensinamento para o benzimento de “ramo de ar”, fui buscá-la numa banca do mercado municipal de Sorocaba, recomendada por minha mestra, caso eu quisesse realizar o benzimento.

D. Alzira não me pedia nada, no entanto eu sentia uma espécie de dever, obrigação, tal como ela mesma sempre me dizia quando eu a presenteava. Num primeiro momento cheguei a pensar na relação entre favores para definir o conceito de obrigação apresentado por ela, mas depois aos poucos percebi que era uma relação muito além dos favores.

O que de fato passei a sentir nesta relação entre os deveres e as obrigações era na realidade o sentimento de gratidão, e a troca de tarefas ou presentes não era o que de fato importava, mas o trânsito singelo de sentimentos mediados pelo afeto e pela lealdade que se representavam nas coisas simples, que muitas vezes nem tinha um valor material relevante como um bolo de fubá ou de maçã, uma sacola de chuchu ou manga colhida no quintal, um pedaço de tecido guardado a tempos para realizar um determinado benzimento, eram apenas objetos simbólicos por trás do afeto que nos conectavam. Assim como MANO (2010) reportou a seu modo de tradução a palavra gratidão, passei a comungar desta mesma descrição em meio a experiência vivenciada.

[...] sentido a carência do menor afeto e do menor gesto de cuidado – o mundo miséria – há, de forma limpa e transparente, de forma quase cristalina, quase brilhante, a presença do maior sentimento: a gratidão. Acredito nessa palavra como parte mais simples do sentimento e ato de amar. (MANO, 2010, p.61-62).

Talvez as palavras não consigam dar conta da complexidade dos afetos, mas a proposta de mensurar a densidade dos encontros por meio do registro desta narrativa, que traz a história de vida enquanto uma tentativa de aproximar a riqueza de uma experiência, para o que pode ser considerado um processo de ação educativa.

Ao falar de educação, talvez seja interessante destacar que a D. Alzira nunca chegou a frequentar uma escola, e por conta desse fato não chegou a desenvolver o conhecimento da escrita e da leitura das palavras. O fato que pude constatar, é que talvez o que ela não tenha aprendido foi lidar com as letras e palavras escritas, mas, por outro lado, ela é uma exímia leitora das relações e da saúde humana. De modo que todo mal do corpo e da alma, para esta leitora da vida, está diretamente ligado a maneira como direcionamos o bem, se somos justos, seremos recompensados pela justiça, seja ela divina como ética, e do contrário o resultado é o mesmo. Quem faz o bem recebe o bem e quem não se preocupa com as boas ações recebe na proporção investida.

A chave para os nossos encontros iniciou-se no dia 11 de fevereiro de 2016 no meio da tarde de uma sexta-feira, foi o nosso primeiro contato, o momento em que nos conhecemos, onde me apresentei a D. Alzira e sua filha Catarina e pude falar com elas sobre meu interesse em conhecer suas histórias e o conhecimento que gostaria de partilhar referente as suas práticas de benzimento.

Neste momento apesar da desconfiança, iniciamos uma primeira conversa na qual foi preciso elucidar minhas intenções em relação as suas práticas de benzimento, onde o acordo passou a ser um processo de aprendizagem de suas práticas visando fazer o uso sempre para o bem das pessoas, e jamais em nome de meu próprio benefício [que neste caso, o alerta de D. Alzira destacava-se sobre o deve de não fazer do benzimento a intenção de um negócio, ou seja, de ganhar dinheiro com este ofício]. Assim passei a justificar que minha intenção era registrar e passar a diante o bem que ela fez e ainda faz a muitas pessoas, no objetivo de ouvir e aprender com suas histórias, na medida em que nossos encontros fossem acontecendo.

Na sequência desta conversa, sua filha Catarina interveio dizendo: Mãe a senhora esperava tanto por alguém que quisesse aprender com a senhora. E essa menina chegou para isso. Esta fala se tornou a chave na firmação dos primeiros passos, o laço de confiança e a cumplicidade deste processo que resultou no curso deste trabalho.

Este aprender com a senhora, me levou a um percurso muito além da aprendizagem e registros de suas práticas de benzimento, me colocou em contato com uma vasta e complexa dimensão do que é o aprender para a vida, que se distancia daquele aprender formal ofertado pelas instituições e as burocracias

estruturais dos sistemas escolares. O aprender veio em contato com a experiência de vida a qual carrega em si muitas histórias ricas de ensinamentos que transcendem o espaço a e estrutura da escola, dos tratados filosóficos e até mesmo a definição na maioria dos casos distanciada da ciência.

O encontro entre nossas subjetividades foi um momento de grande estima e o caminho em que as memórias desta mulher me guiou, permitiu a reflexão sobre muitas questões que atravessaram sua vida e passaram a refletir em tantas outras. Ao retratar um dos ensinamentos mais significativos ofertados por D. Alzira, trago uma das primeiras lições de benzimento que foi sua preocupação com a recomendação das almas, ou seja, no momento da morte é importante que alguém de fé realize a passagem da estrada da vida a pessoa que chegou ao seu fim. Pois este momento deve ser de entrega e agradecimento pelo dom de exercer a caminhada do existir na terra.

E no caso das pessoas que morreram e não tiveram a possibilidade de passar por este ritual acabam se encontrando na condição de uma alma esquecida, e para elas D. Alzira explica a importância da “celebração do dia 2 de novembro”, o dia dos finados. Ritual católico celebrado por sacerdotes e as famílias das pessoas falecidas. Diante desta recomendação D. Alzira partilhou algumas de suas experiências com as “almas dos esquecidos”, dentre elas a presença do Homão grande no telhado. Depoimento de D. Alzira:

Quando meus meninos eram pequenos, começou a aparecer um homão grande no telhado, e assustava as crianças a noite. Até que numa noite eu fui dormi na belixadeles para falar com esse home. - Eu já sabia que era uma alma de esquecido – disse: Eu sei o que o senhor quer, é reza. O senhor sabe que eu rezo e veio pedir reza, então eu vou mandar rezar uma missa pro senhor. Passado uns dias fui na igreja antes da missa falar com o padre, pedir uma missa pras almas dos esquecidos. O padre se irritou comigo, e disse que missa para gente que já morreu é no dia 2 de novembro, no dia dos finados. - disse: Olha minha parte eu fiz, se o padre não quer atender, isso ele vai acertar na conta dele. Mas, não sei. Acho que o padre acabou fazendo a missa, porque a sombra do homão no telhado não apareceu mais. (D. Alzira, depoimento de fevereiro de 2016).

Além do cuidado com as almas dos esquecidos, D. Alzira também partilhou com muito apreço a passagem de sua iniciação como benzedeira, apesar de ser uma

mulher de muita fé desde de menina, ela vivenciou a oportunidade de entrada por um ritual de passagem. Este episódio se deu quando sua comadre estava muito doente, e ela se dedicando aos cuidados da comadre no leito, foi surpreendida pelo comentário da mulher que disse: “Alzira, você leva jeito pra benzer, tem o coração bom. Vou te ensinar as minhas rezas para você continuar o meu trabalho de curar quem precisa com fé”.

Mesmo surpresa com a fala daquela mulher que a muito tempo exercia o benzimento, inclusive já havia benzido várias vezes seus filhos, aceitou em seu íntimo o chamado. E no dia seguindo a comadre passou suas rezas para D. Alzira e pediu para que chamassem um vizinho que estava precisando de benzimento, deste modo, colocou sua discípula em teste. Passando pelo teste no dia seguinte de seu primeiro benzimento aprovado pela comadre e pelo vizinho que já havia alcançado a melhora de sua saúde, a comadre e mestra se despediu lhe deixando o legado do benzimento.

1.1 OS BENZIMENTOS DE D. ALZIRA

Uma das orações herdadas de sua mestra é o benzimento para “Quebranto, susto e mal-olhado”, a qual utiliza até hoje, principalmente com o cuidado das crianças pequenas.

Benzimento para “Quebrante, susto e mal-olhado”

Deus pai, Deus filho, Deus espírito santo, Amém.

Deus é meu pai e seu também

Com o poder de nosso senhor Jesus Cristo

E teu anjo da guarda (nome da pessoa)

Que guarde você meu filho / minha filha

Que livre você de todo o mal

Com a água do santo batismo

Você vai ser curado (a):

De *quebrante, susto e mal-olhado*

que os outros colocam sobre você.

Quem deu, quem daria,

quem cura é Deus e a virgem Maria (2x)

Com o poder de Deus e a luz

do divino espírito santo (nome da pessoa)

Você vai ser curado (a):

De *quebrante, susto e mal-olhado*

que os outros colocam sobre você.

Com o poder de Deus e a luz do divino pai eterno.

***Rezar o “Pai Nosso”.**

O divino espírito santo que te abençoe (nome da pessoa)

O divino espírito santo que te abençoe

Deus pai todo poderoso que proteja você

E teu anjo da guarda que te acompanha

Noite e dia, junto com Deus e a virgem Maria

Senhor Jesus Cristo, filho da virgem Maria

Guarda o corpo do (a) (nome da pessoa) por hoje,

amanhã e por todo santo dia.

Não verei o corpo dele (a) preso,

nem o sangue dele (a) derramado,

As almas que não se percam. Meu Jesus crucificado

Oh! virgem Maria vós não permitais que ele (a) viva

e nem morra em culpas mortais.

Em culpas mortais ele (a) não há de morrer.

A virgem santíssima vai te valer,

Ela vai te valer na maior aflição,

chamada por ela no seu coração.

O seu coração, vossa mãe de Deus,

perdoai dos erros e dos pecados seus.

Se os pecados seus está condenado,

se pede senhora e será perdoado.

Você será perdoado (a), se pede também o reino da glória
para sempre, Amém.

O pai nosso pequenino, Jesus Cristo é o teu padrinho

que te fez a cruz na testa,

As velas que te alumia, os anjos da guarda

que te acompanham.

Coisa ruim que não atente, nem de dia, nem de noite,

nem na hora da morte.

**São Gabriel, São Rafael e São Miguel Arcanjo,
na sua companhia com Deus e a Virgem Maria.**

Além do benzimento para “Quebranto, susto e mal-olhado”, D. Alzira também compartilhou os benzimentos para “Cobreiro” que é quando alguém tem algum problema de pele provocado por algum animal peçonhento, o benzimento para “Erisipela”, quando a pessoa apresenta manchas avermelhadas na região das pernas e o benzimento para “Rendidura”, é a hérnia no umbigo.

Benzimento para “Cobreiro”

Para o benzimento a pessoa deve ficar em pé, de frente ao batente da porta.

Com um ramo de arruda nas mãos, a pessoa que vai benzer pergunta:

-O que eu corto?

E a pessoa que vai receber o benzimento responde:

-Cobreiro.

A pessoa que vai benzer diz:

-Cobreiro do mais bravo, eu corto a cabeça e o rabo. Cobra, aranha e sapo.

Em seguida a pessoa sai para fora da porta.

Com um ramo de arruda nas mãos, a pessoa que vai benzer pergunta:

-O que eu corto?

E a pessoa que vai receber o benzimento responde:

-Cobreiro.

A pessoa que vai benzer diz:

-Cobreiro do mais bravo, eu corto a cabeça e o rabo. Cobra, aranha e sapo.

Depois a pessoa volta para dentro da porta novamente.

Com um ramo de arruda nas mãos, a pessoa que vai benzer pergunta:

-O que eu corto?

E a pessoa que vai receber o benzimento responde:

-Cobreiro.

A pessoa que vai benzer diz:

-Cobreiro do mais bravo, eu corto a cabeça e o rabo. Cobra, aranha e sapo.

(3 vezes – Entra / sai / entra)

Benzimento para “Erisipela”

1 pote com óleo virgem (benzido em nome de São Maciel)

1 ramo de arruda

(Dê uma volta na perna que apresenta a ferida com o ramo de arruda aspergido no óleo – cada vez que na oração pedir a intercessão de São Maciel no benzimento)

Em nome do pai, do filho e do espírito santo

Oração à São Maciel
São Maciel,
não causa o mal por dentro nem por fora
Em nome de Deus pai, Deus filho e Deus espírito Santo
Um “**Pai Nosso**”
Uma “**Ave – Maria**”
(*Esta oração deve ser repetida 3 vezes)

**(Este benzimento deve ser realizado em três dias seguidos,
de preferência durante os três primeiros dias da lua minguante)**

Benzimento para “Rendidura”

Para realizar esse benzimento é preciso preparar um chá com assa-peixe, e em seguida virar a caneca de chá com a boca para baixo numa bacia ou forma de alumínio. Água do chá vai escoar, mas não se deve tirar do lugar a caneca até o dia seguinte, mantendo as ervas dentro da caneca. Com as pernas abertas a pessoa que será benzida deve receber o benzimento em pé caso seja possível, para ela permanecer nesta posição até o fim da reza.

Deus pai, Deus filho e Deus espírito santo, amém.
Que o poder de nosso Senhor Jesus Cristo e seu anjo da guarda (nome da pessoa), que guarde você e livre você de todo mal.
Com a água do santo batismo você vai ser curada(o).
Quem deu, quem te daria, quem cura você é Deus e a virgem Maria.
Com o poder de Deus e do divino espírito santo (nome da pessoa) você vai ser curada(o).
*Rezar um “Pai Nosso”
Que o divino espírito santo te abençoe (nome da pessoa)
Deus pai todo poderoso que proteja você e teu anjo da guarda que te acompanhe noite e dia, junto com Deus e a virgem Maria.
Senhor Jesus Cristo, filho da virgem Maria, guarde o corpo da(o) (nome da pessoa) por hoje, amanhã e todo santo dia.
Meu santo São José é um santo de muita fé, ele fugiu com o seu menino e foi parar em Nazaré.
Eu queria ser acompanhado nesta boa companhia,
eu queria ser devoto, filho da virgem Maria. Amém.
Da raiz nasceu um ramo, do ramo nasceu uma flor, da flor nasceu Maria, mãe de nosso redentor.
O pai nosso pequenino, Jesus Cristo é o teu padrinho que te fez a cruz na testa,
As velas que te alumia, os anjos da guarda que te acompanham.
Coisa ruim que não atente, nem de dia, nem de noite, nem na hora da morte.
**São Gabriel, São Rafael e São Miguel Arcanjo,
na sua companhia com Deus e a Virgem Maria.**

É importante destacar que a partilha destes benzimentos vieram acompanhados de sérias recomendações, que partiam desde o compromisso com a fé onde benzedeira e benzido precisam acreditar na eficácia deste movimento de cura. Até a postura das intenções, onde a benzedeira deve sempre fazer o bem sem ver a

quem, ou seja, não se deve escolher e nem cobrar recompensa de quem vem pedir benção. Pois afirma que o dom vem de Deus e assim não há valor só benção.

E mediante aos encontros e as palavras que passaram a consolar a perda periódica de meu em si no movimento constante das descobertas do para si, onde questões estruturais da linguagem começaram a reconfigurar o valor da existência, que se expressaram diante dos choques e bloqueios no fortalecimento desta caminhada.

Considerando que esta pesquisa atua no campo da educação, e que o recorte que nos convida a conhecer e refletir sobre outros aspectos da educação que não é a escolar, se a vida e seus encontros não forem a escola, o que será a escola então? Deixo nesta sequência as sábias pronúncias de Paulo Freire, ao delatar a fantástica proporção do campo da educação, precisamente no Brasil.

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. O esforço educativo que desenvolveu o Autor e que pretende expor neste ensaio, ainda que tenha validade em outros espaços e em outro tempo, foi todo marcado pelas condições especiais da sociedade brasileira. Sociedade em “partejamento”, que apresentava violentos embates entre um tempo que se esvaziava, com seus valores, com suas peculiares formas de ser, e que “pretendia” preservar-se e um outro que estava por vir, buscando configurar-se. (FREIRE, 1980, p.35)

Ao observar que a educação está intrínseca ao processo de desenvolvimento da sociedade, e considerando as questões dos papéis sociais que legitimam as relações de poder ao tratar das questões de gênero e sexualidade. Minha busca por um tema de pesquisa que pudesse trazer como necessário o olhar sobre as mulheres, afinal também sou uma, e as questões que nos atravessam na sociedade em que vivemos não são tão generosas conosco, me permitiu olhar para minha trajetória de vida a partir de experiência acadêmica, que ao longo da graduação em filosofia ao entrar em contato com a tradição do pensamento filosófico ocidental, me deparei em meio a vasta herança dos sistemas de pensamentos, com uma sucinta, senão quase inexistente presença das mulheres em vários períodos da história da filosofia no ocidente.

Mediante essa observação acerca da ausência de contribuições reflexivas empreendidas por mulheres no enredo ocidental, nos primeiros anos da graduação

me assombravam, pois a pergunta que me perseguia era onde estão as filósofas? Onde estão as mulheres pensantes?

O fato não é que não existiam mulheres pensantes, mas encontrá-las entre o período da antiguidade à modernidade é que não era uma tarefa simples. Pelo simples fato das estruturas impostas pelas sociedades ocidentais da antiguidade senão até os dias atuais, onde o legado do saber e da ordem pública se destinou ao patriarcado, aos homens. Isso significa que o saber trazido pelas mulheres não é inferior ao saber dos homens, mas historicamente frente a um desejo desenfreado de dominação, as mulheres foram delegadas a esfera privada, e suas potencialidades de saber e de poder destinadas pelo julgo paternalista a submissão e obediência aos interesses dos homens.

Mas onde entra o benzimento nestas considerações? Neste momento, em que retornei à antiga e incomoda impressão sobre a ausência das mulheres na trajetória do pensamento ocidental, reconhecendo que hoje há muitas mulheres ocupando os espaços de conhecimento acadêmico, tecnológico, jurídico entre outros. Ainda as marcas que evidenciam as diferenças entre o reconhecimento do saber da mulher e do homem são latentes, ao submeter a mulher enquanto presença de uma realidade em minoria frente ao âmbito público majoritariamente ocupado pelos homens.

Assim assolada por um recorte histórico específico, o período medieval, onde passei a me deparar com registros de mulheres que foram perseguidas e mortas por conta de um saber cultivado por estas, que se revelavam como ameaça ao poder vigente do período. Me coloquei a busca do porquê destes episódios, que por sinal se estenderam para além da Idade Média.

Na medida em que se dispõe olhar para o passado e trazer a luz as marcas que legitimam a opressão e a invisibilidade destinada a mulher historicamente, é reconduzir sua presença na história e buscar superar o que lhes foi negado socialmente. Com a proposta de trabalho da historiadora Michele Perrot que se coloca a pensar o campo do conhecimento historiográfico da memória feminina, partindo da indagação sobre “Como tornar possível uma história das mulheres se a nós foi negado até muito recentemente o acesso ao espaço público, lugar por excelência da história?”. Perrot busca pontuar a implicação oculta da mulher, e situar o que justifica a sua ausência na vida pública, sustentada pela consideração da desqualificação de suas posições e palavras.

Por outro lado, passa a apontar as potencialidades da mulher porta-voz da vida privada, responsável pela manutenção da memória da família encontra-se na condição de uma “Guardiã”, de um universo até então inexplorável e riquíssimo nas minúcias que tem muito a dizer em prol da emancipação da mulher, ao permitir-se a compreensão de si, como um forte dispositivo na luta feminista.

De início as mulheres manifestavam reticências, seu pudor se abrigava sob o pretexto de sua insignificância. Dizer “eu” não é fácil para as mulheres a quem toda uma educação inculcou o decoro do esquecimento e de si, a tal ponto que para contar sua vida, certa operária – Lise Vanderwielen- prefere se abrigar sob a ficção de um pseudo-romance. (PERROT, 1989, p.17)

Retomar a memória feminina é um exercício bastante delicado e ao mesmo tempo político, por dispor de um recurso valioso apontado por Perrot, que parte da memória como um instrumento de pesquisa, que carrega em seu imaginário coletivo a construção sócio-cultural das relações entre mulher, homens e suas funções. Além da relação de tempo e espaço a memória também é fruto da história, promovida pela existência que é profundamente generalizada a partir de papéis sociais fixos. E neste sentido é possível considerar a história das mulheres também como uma das categorias entre a história dos vencidos, observada pelo filósofo Walter Benjamin, que sobre a qual é destinado o velamento por parte da história oficial, e que no caso das mulheres bem se desempenha pela história do patriarcado que anula o espaço de presença da mulher enquanto sujeito histórico.

E o movimento de retorno ao passado nos permite situar a relevância política do olhar histórico, que ao revisitar o que já foi vivido permite o resgate das raízes que configuram as marcas opressoras, assim como sinaliza Walter Benjamin que:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1994, p.224-225).

Deste modo o olhar para o Brasil colônia passou a ser uma espécie de convite frente a aventura de acessar as mulheres que exerciam o ofício da cura no nosso país a tempos atrás, e o quanto os saberes desta ordem eram vistos como uma grande ameaça, neste período histórico em que a presença da mulher e seu conhecimento sobre o corpo e sua posição social, atormentou também a mentalidade do contexto de formação da ordem pública no Brasil.

1.2 O CORPO FEMININO NA MENTALIDADE DO BRASIL COLÔNIA



Imagem 3

Fonte: A história das mulheres do Brasil, 2013

Partir da mentalidade que imperava ao longo do período colonial no Brasil, as posições de um pensamento religioso cristão, que norteava as orientações e ofícios de médicos e teólogos sobre o funcionamento dos corpos, e em específico o corpo da mulher e as causas de suas manifestações, que se justificavam na definição de doenças e males também se referiam a alma. De acordo com Priore ao tratar em seu artigo Magia e medicina na colônia: o corpo feminino, de questões que permeiam este contexto da história do Brasil destaca que:

Nos primeiros tempos da colonização, homens e mulheres acreditavam que a doença era uma advertência divina. Considerando um pai irado e terrível, Deus a fingiria os corpos

com mazelas, na expectativa de que seus filhos se redimissem dos pecados cometidos, salvando, assim, suas almas. A enfermidade era vista por muitos pregadores e padres, e também por médicos da época, como um remédio salutar para os desregramentos do espírito. Nessa perspectiva, a doença nada mais era do que o justo castigo por infrações e infidelidades perpetradas pelos seres humanos.(PRIORE, 2013, p.78)

A compreensão da doença como justa punição as pessoas perante as definições dogmáticas, emergiam pautadas pela influência do pensamento escolástico, que fundamentava as orientações para a medicina vigente do período colonial, deste modo é possível considerar que tais orientações se apresentavam enquanto um conhecimento precário no tratamento das doenças como na compreensão do funcionamento do corpo feminino, onde os ovários eram classificados como pequenos testículos, que acarretavam a mulher a condição de um ser humano de natureza defeituosa em relação ao homem.

Nesta natureza o que mais interessava era o funcionamento da madre, ou seja, de seu útero “parte ordenada da natureza em mulheres, principalmente para receber o sêmen”, tal interesse correspondia ao limitado conhecimento médico sobre o corpo feminino. Em que entendiam a mulher apenas como um mecanismo criado por Deus destinada exclusivamente a servir à reprodução, como “um instrumento passivo do qual seu dono se servia”.

Assim a mulher era classificada pela medicina e pela moral como um ser passivo, e controlado por sua sexualidade de modo disciplinar, onde sua única função era reproduzir, caso contrário a mulher era condenada a uma cadeia de enfermidades, que emergia da melancolia e da loucura até a ninfomania eximamente condenável como castigo, ou punição amaldiçoando a mulher no intuito da redenção de seus pecados. E para tal a recomendação da medicina apoiava-se nos interesses religiosos.

A medicina traduzia então as suas poucas descobertas sobre a natureza feminina em juízos fortemente misóginos em relação às funções do corpo da mulher. Na tentativa de isolar os fins aos quais a natureza feminina devia obedecer, os médicos reforçavam tão somente a ideia de que o estatuto biológico da mulher (parir e procriar) estaria ligado a um outro, moral e metafísico: ser mãe, frágil e submissa, ter bons sentimentos, etc. Convém notar que a valorização da madre como órgão reprodutor levava a uma valorização da sexualidade feminina, não no sentido da sua realização e sim no de sua disciplina. (PRIORE, 2013, p.83).

Este conhecimento de caráter misógino se dava por conta da ignorância fisiológica e o imaginário fantasioso sobre o que de fato era o corpo feminino, e deste modo a ciência médica se constituiu como um saber masculino pautado num discurso que desconfiava integralmente da mulher. Fazendo-se necessário o território de controle exercido pelos médicos, pais e maridos, postulando o papel do homem como “causa eficiente” da vida. Tal concepção se pautava pelo pensamento escolástico, justificado pelas definições aristotélicas de que a mulher e sua madre são apenas receptáculo passivo e submisso que recebe o sêmen, elemento crucial na reprodução da vida e a conservação do gênero humano.

Toda essa descrição sobre as recomendações do comportamento e das funções sociais destinadas as mulheres no período colonial do Brasil, reportam a quão grande era a subestimação da mulher naquela sociedade, por conhecimento da ciência médica como da moral religiosa. A misoginia se estendia até aos recursos alternativos aos quais muitas mulheres recorriam, ao buscarem o conhecimento de como tratar do próprio corpo e de certo modo reconhecer lucidamente seu funcionamento, visto esta prática como uma espécie de transgressão a medicina e moral dominante do período. Este conhecimento era informal, transmitido de mãe para filha, zelado por um extremo valor na manutenção e preservação dos costumes e das tradições femininas mediados por rituais, desempenhados por curandeiras e benzedeadas, figuras essas que:

Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedeadas, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações entidades e adivinhações malévolas, para substituíam a afastar falta de médicos e cirurgiões. Era também a crença na origem sobrenatural da doença que levava tais mulheres a recorrer a expedientes sobrenaturais; mas essa atitude acabou deixando-as na mira da igreja, que as via como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações de Satã nos corpos adoentados. Isso mesmo quando elas estavam apenas substituindo os médicos, que não alcançavam os longínquos rincões da colônia. (PRIORE, 2013, p.81).

Durante muito tempo as práticas de curandeirismo e benzimento desempenhado pelo saber-fazer de mulheres capazes de curar doenças, fora um recurso de muita eficiência para suprir a falta de médicos nas vilas, cidades e até mesmo nas sedes das capitâneas, frente a “uma medicina que não se mostrava

competente para curar mazelas e doenças de qualquer tipo”, além de contribuírem na solução de emergências provenientes de precariedade nas condições sanitárias e hospitalares e na ausência de medicamento. No entanto, apesar destas mulheres atuarem de modo eficiente para com o contexto deste período utilizando seus conhecimentos femininos da arte de tratar, curar e cauterizar os males do corpo e da alma, também passaram a ser alvo de perseguição das autoridades científicas e eclesiásticas. Por meio da tão conhecida Santa Inquisição, que condenava estas mulheres que desrespeitavam os preceitos de autoridade dos valores religiosos e morais da época.

De outro modo, é possível observar a forte restrição sobre o papel da mulher no âmbito público, mesmo reconhecendo a utilidade e eficiência de sua função em relação as soluções dos males e doenças, há nesta condenação um medo pelo desenvolvimento e reconhecimento da autoridade feminina frente ao universo social masculino, instaurado pelo poder religioso, científico e político. Deste modo se fez necessário punir qualquer possibilidade de atuação e destaque da mulher mediante o cenário patriarcal, onde a mulher era apenas uma propriedade do homem, e portanto não existia por si no âmbito social.

1.3 PÚBLICO VERSUS PRIVADO: ONDE É LUGAR DA MULHER?

Ao considerarmos historicamente o percurso da mulher é identificável sua naturalização situada no silêncio, nos detalhes quase que ocultos de uma retratação velada em que seu lugar de praxe está frequentemente destinado ao privado, que consiste na condição do lar, dedicando-se ao cuidado dos filhos e aos afazeres domésticos.

E que o espaço público não se destina estritamente ao âmbito de uma política institucional, mas também enquanto articulação cotidiana responsável pela produção e manutenção da vida. Deste modo a filósofa e teóloga feminista Ivone Gebara, traduz pelo recorte de Rago, uma vasta dimensão da presença e atuação política das mulheres no cotidiano por meio da partilha de suas observações ao dizer:

Creio que a compreensão comum da palavra política parece limitada a certos espaços de atuação e a certas atividades que tocam um nível amplo de relações mais ou menos impessoais,

reconhecidas como espaço público. [...]. Além disso, há outros espaços políticos para além da casa que não são reconhecidos como tais e que são o campo de atuação cotidiana das mulheres. Escolas, creches, organizações de bairro, organizações de saúde e cozinha alternativas, em Igrejas, nas artes plásticas e em muitos outros lugares onde a cotidiana atuação feminina tem feito “cultura” e sustentado a vida da família, das crianças, dos jovens, das pessoas idosas e dos doentes. (RAGO, 2013, p.260).

Diante desta consideração sobre a atuação cotidiana da mulher que promove uma cultura que valoriza a vida, nos permite destacar a força de promoção da vida nesta cultura mencionada, nada traz de comodismo e submissão da figura feminina, mas de libertação onde o passado e as pequenas ações do cotidiano permitem uma releitura dos papéis exercidos pelas mulheres. E a força política de tais ações na ressignificação do lugar e do poder da mulher na sociedade.

E no fluxo deste movimento, ao resgatar a prática do benzimento e curanderismo realizado por mulheres no período colonial é também evidente nos pequenos gestos e ações um outro papel as mulheres na disputa do espaço histórico, em que a condição da mulher em meio a relação público-privado tem sido desde sempre o silenciamento, a invisibilidade de sua presença e seu saber-fazer. É neste sentido que o posicionamento de Perrot nos convida a repensar a história, e refletir que:

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história? A questão parece estranha. “Tudo é história”, [...]. Por que as mulheres não pertenceriam à história? Tudo depende do sentido que se dê à palavra “história”. A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem story e history. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. (PERROT, 2012 p.16)

E neste sentido trazer a luz o registro da presença da mulher na história, é também de certo modo olhar para inúmeras vidas submersas no esquecimento destinado a massa da humanidade, anulada pelo silenciamento. Que traduz os

vestígios da invisibilidade da mulher no retrato oficial da história, em que sua presença é despercebida, velada pela opressão patriarcal que se estende até os dias atuais. Na medida em que o corpo feminino ainda faz parte do legado de propriedades da figura masculina, onde a sua autonomia ainda é uma ameaça, ao passo que as pautas feministas ao trazerem a questão do aborto, remetem a posição de propriedade deste corpo sobre responsabilidade do estado, enquanto defesa da criminalização do aborto sem a problematização de efeitos e causas do ato em questão, que desapropria mais uma vez na história o direito da mulher sobre seu próprio corpo.

Pensar acerca do corpo feminino a partir de um determinado recorte histórico, ainda nos conduz a refletir sobre a prevalência de muitas posições destinadas as mulheres no contexto atual, mas, por outro lado, também nos permite reconhecer que este movimento de resgate histórico é um grande avanço na emancipação das mulheres. Ao sinalizar as margens da história é possível viabilizar a existência das mulheres e o curso do silenciamento engendrado sobre elas.

1.4 O CAMINHO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

E sobre a questão do silenciamento das mulheres na história e como atravessar essa lacuna, uma questão passou a marcar um espaço de relevância neste trabalho, a metodologia de abordagem sobre a história de vida a partir da história oral.

Onde neste caso a questão metodológica que atravessa este processo de pesquisa que se aventurou pelos caminhos que se distanciam de um olhar fechado, quantitativo, distante, duro e ausente de organicidade na coleta de dados, que só poderiam ser dados no jogo da linguagem. Pois são com as palavras escritas que o registro dessa vivência de pesquisa, traz ao plano do entendimento comum para as lembranças e as pistas do que foram os encontros de campo. Dos reflexos da empatia intelectual ao resultado que se reverberou a partir da descrição implicada e analítica da subjetividade em contato com a subjetivação das trocas entre a narradora e a interlocutora, num movimento de interação do Ser no mundo e do mundo em si, que constitui o Ser.

O investimento na narrativa foi uma escolha na intenção de demarcar o território dos encontros e da partilha desta história de vida, considerando seu valor enquanto registro e instrumento político na luta pela ressignificação da vida, trazendo para o

campo de batalha dos saberes, autores como Walter Benjamim e Ecléia Bossi, pois estes defenderam a tradução das histórias na medida de seu valor inestimável, em que uma vida em sua experiência acumulada nos oferece seus ensinamentos, para refletir sobre as questões que configuram as contradições cotidianas, ascendendo as contradições do social.

Olhar para uma história de vida, é um movimento que emerge de uma preocupação com a posição da pesquisadora e do pesquisador implicado as relações de contato com a experiência do colaborador/interlocutor, mas também no que passa a resultar da sua vivência com todo o processo da pesquisa, na condição de ouvinte das narrativas, e posteriormente de condutor da experiência atravessada pelo trabalho de campo ao oferecer um modo de leitura de todo esse processo que passa contribuir para com o campo da educação.

Esta reflexão se lançou a experimentação e questionamentos, do qual ebuli muitas arestas, mas creio que uma tangente entre elas já tenha sido possível vislumbrar com esta e tantas outras experiências, que se deparam com a preocupação da presença e permanência das memórias, principalmente as silenciadas diante dos átrios da vida.

Artefato fundamental para a narrativa, observado neste processo, assim como no trabalho de Ecléia Bosi, foram as principais pistas do método de abordagem, que levaram ao contato direto com seus recordadores, delineando o limiar responsável pela formação de um vínculo de confiança e amizade. É preciso destacar que este vínculo não ocorre de modo espontâneo, ele se dá como resultado de “um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”.

Neste ponto BOSI (1994) reflete sobre o fenômeno da pesquisadora e do pesquisador participante, sobre o qual passou a se reconhecer e definir que em casos como de sua experiência de trabalho em que emergiu uma relação intersubjetiva entre o sujeito e o objeto da pesquisa. Ao passo que a pesquisadora e o pesquisador se permite afetar, sofrer e se modificar de maneira irreversível, mergulhando no processo pelo qual passa a chamar de comunidade de destino, pois este processo anula a possibilidade de retorno do pesquisador a condição anterior, devido ao resultado da experiência provocada pela pesquisa. Trazendo as palavras de Ecléia Bosi:

Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a

ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. A expressão “observador participante” pode dar origem a interpretação apressada. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. (BOSI, 1994, p.38).

Além do alerta sobre a delicada trajetória da pesquisa, ao se referir a relação que se consolida com os encontros entre o pesquisador e o recordador, BOSI (1994) traz uma outra preocupação, que está nos limites entre o narrador e o registro de suas memórias. Este procedimento se deu por meio da contação oral das memórias e a transcrição realizada pela pesquisadora, colhidas por meio da gravação do fluxo da voz.

Neste momento de contato com a experiência de narrar as memórias, Ecléia Bosi traz a preocupação com o entendimento destas memórias, o que lhe possibilita pensar sobre este conceito carregado de vida.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Freqüentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1994, p.39)

A questão central da metodologia proposta no curso deste trabalho é o regaste da narrativa, colhida por meio da história oral, que foi registrada ao longo dos encontros com a D. Alzira e com as conversas trançadas nos momentos da escuta, na intenção de ressignificar as relações da educação por meio das trocas de saberes. É importante considerar que esta proposta metodológica não pressupõe um fechamento do olhar sobre as narrativas apresentadas, mas uma abertura de espaço para esta experiência de vida observada e registrada. Que permite uma tradução e reconfiguração polifônica da vida, do estar vivo e por meio disso buscar novos sentidos ao curto espaço de existência e duração do tempo em que se constitui a vida.

E mediante o apoio teórico, que as margens deste processo se aventurou a ler, em busca dos saberes que se configuraram em diálogos com as marcas partilhadas

pelas palavras de Walter Benjamin (1994) e Jorge Larrosa (2016) acerca da experiência que busca resultar na significação da vida, do que por ela se preserva e em nome dela continuar a carregar enquanto tarefa da oralidade e missão das narrativas.

Para concluir a reflexão sobre o gênero e a natureza da narrativa, talvez seja interessante olharmos com delicadeza a reflexão sobre “O narrador” levantada por Walter Benjamin, que se fez muito precisa no momento em que se desencadeou a necessidade do resgate pelo do tempo vivido, na medida em que suas considerações sobre a obra de Nikolai Leskov apresenta uma atenção singular ao papel da experiência de narrar, que “está em vias de extinção” pois as pessoas que se colocam a narrar encontram-se diante de uma invisibilidade crescente. Ao passo que a reflexão aponta a diferença entre o espaço da narrativa e o da informação, e este último em disputa se fortalece a partir do avanço do modo de vida moderno, urbano e mediado pelo capitalismo.

O espaço da informação é efêmero e ao mesmo tempo vazio, impondo de maneira invasiva e minuciosa o esvaziamento da experiência. E o prejuízo que se inaugura frente ao distanciamento da experiência de narrar, enquanto privação da “faculdade de intercambiar experiências”, configura-se na desvalorização da sabedoria, que é o legado da experiência de vida. De acordo com LARROSA (2016) o status da experiência é algo intenso, e que deixa marcas a partir do acontecimento, daquilo que permanece.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2016, p.18).

A perda da experiência não é um prejuízo individual, mas da humanidade, é um esvaziamento do tempo onde a referência de uma gênese passa a ser roubada pela velocidade de uma vida ou de um simples desejo, e todo encantamento de sua origem carregada de valores sociais, que definem os comportamentos e os pensamentos são

devastados, restando a superficialidade sem as raízes que permitiriam elucidar muito do que se carrega na produção e reconfiguração do presente.

Assim Benjamin também denuncia as consequências de uma escassez da experiência.

Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. (BENJAMIN, 1997, p.116).

Deste modo compreender os efeitos acarretados pela pobreza de experiência é um posicionamento crítico frente ao curso de uma história oficial, que se ocupa pura e simplesmente a retratar apenas o status dos vencedores, daqueles que atropelam a vida e regulam a visibilidade dos modelos de dominação, é neste sentido que a denúncia do ocultamento responsável pela alienação se faz precisa, por impedir o reconhecimento de alguém ou de um grupo com sua cultura, seus valores, suas heranças ancestrais e que deste modo passa a implantar o vazio de uma existência, norteado por um modo de vida bárbaro, sem apreço pelos detalhes do tempo vivido, pelos valores germinados no afeto, tornando-se pobre de experiência.

Onde o passado perde sua riqueza e o presente segue sem um rumo norteador, contar e ouvir histórias é exercitar o espírito da reminiscência, que desde os gregos carrega a função tradicional da transmissão dos acontecimentos perpassando geração em geração.

E nesta missão a permanência de toda uma tradição, como nas grandes epopeias de Homero permanece o legado de um povo, os valores e as normas de uma cultura e a referência para se pensar elementos memoráveis que ainda permanecem, enquanto subsídio ao pensamento contemporâneo.

E ao observarmos as causas responsáveis pelo esvaziamento da experiência, atualmente a disputa da informação pelo espaço da vida cotidiana tem limitado o tempo da arte de narrar, o saber tornou-se conhecimento, e essa troca de categorias não são correlatas segundo LARROSA (2016), pois o saber neste sentido vem com a sabedoria, com o amadurecimento da experiência de vida. Mas se o tempo se torna efêmero, como esperar que aconteça o processo da experiência? Assim o conhecimento passa a ser preenchido pela informação, e esta não deixa margem para a experiência. Estar informado é acumular informação sobre algo, é como um processo quantitativo, mas toda essa disposição acumulativa não permite o tempo

para a pausa, o tempo para processar tudo o que acontece e atravessa a vida.

Como compreender o efeito de toda e tanta informação que atravessa a vida? Esta questão é apenas um desabafo do olhar sobre a aceleração, que passou a atropelar cotidianamente a condição pela necessidade do viver.

Para LAROSSA (2016) “a experiência é a passagem da existência”, isso significa que a existência é algo singular, finita, imanente, contingente, e por isso traz em si a apreciação do tempo que acontece, que lhe permite a experiência, aquilo que é substancial e que merece ser lembrado, guardado e passado a diante como um tesouro.

Assim, o papel do narrador nesta pesquisa transitou entre a interlocutora/colaboradora, a benzedeira, e a ouvinte pesquisadora. Que num segundo momento, após a vivência da escuta passa a exercer também a condição de narradora, na medida em que a descrição e a reflexão sobre a experiência dos encontros, e a travessia do processo da pesquisa pediu pelo registro do que foi possível capturar para o campo da palavra escrita. Pensar sobre a metodologia da narrativa, foi uma posição que o narrado pode também nos convidar para um diálogo um pouco mais intenso nas considerações de BENJAMIN (1994), que se coloca a pensar acerca da presença e importância do trabalho a partir das narrativas, que nos provoca o deslocamento para observar que o:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se agrava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que lhe adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1994, p.205).

Neste sentido conservar a história de vida da D. Alzira é de certo modo a principal tarefa deste trabalho, como apontado na observação de Benjamin, pois suas histórias carregam algo de valioso, a maturação de um modo de vida que se apurou como um doce caseiro, repleta de sabedoria, de conselhos que transportam um valor inestimável frente a pobreza vazia de sentimentos e sentidos que direcionam o modo

de vida moderno, que se coloca a cultivar uma realidade efêmera e movimentada capaz de negar o olhar para os detalhes. Ao atropelar e esterilizar as aspirações de vida que possam enriquecer a trajetória de tantas outras potências no vir-a-ser, de outros encontros e muitas escutas. Onde o tempo passa a ser roubado e o espaço da escuta silenciado. E em rumo a um contra fluxo, assim como Benjamin traduz o apreço pela autoridade do narrador, este trabalho busca destacar que:

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequências, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). (BENJAMIN, 1994, p.200).

CAPÍTULO 2

O encontro do saber da experiência com o desvelar de uma pedagogia espiritual



Imagem 4

Fonte: elaborada pela autora

O cultivo dos encontros com a D. Alzira, me levaram a compreender a densidade do registo de suas falas, que poderiam caminhar para além dos cafés e chás em sua cozinha acompanhados pelos dias de prosa contemplando seu terreiro cheio de frutas, ervas e passarinhos. Á caminho de outros encontros agraciados por sua experiência narrada, memorada e atualizada por meio de suas histórias, suas rezas e benzimentos, mantidos como relíquias e exercitados pela prática da cura e seu processo de aprendizado e ensinamento.

Assim, quando falamos do saber da experiência, estamos também falando de “educação” pois este processo não se manifesta apenas nas instituições de educação formal, apesar da relevante presença destas em nossa sociedade. No entanto, até mesmo a instituição escolar considera que a educação também parte da família, da comunidade, da sociedade a qual as crianças pertencem, deste modo, pensar e falar sobre educação é também integrar todas as partes que se relacionam com o aprender, o ensinar e o aprender-e-ensinar.

O que nos leva a voltar o olhar atento sobre os aspectos que englobam a

educação é a preocupação com a sua finalidade, com o saber produzido por este processo que denominamos “educação”, e neste sentido as palavras de BRANDÃO (1981) nos transportam para a densidade do que podemos compreender sobre esse processo, e de que modo podemos questioná-lo e ressignificá-lo ao passo que:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e- aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes ocultar, às vezes inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.(BRANDÃO, 1981,p.10-11).

Diante deste olhar, considerar a finalidade da educação é destacar a incompletude de um processo que se realiza, se materializa e se sintetiza em meio aos experimentos de formas, técnicas e concepções que buscam perpetuar um modo de vida, uma significação para a existência. O que nos direciona para o valor carregado pelas experiências, onde a vida se encaminha para um objetivo comum, o futuro da comunidade, o desenvolvimento da sociedade, a continuidade na perpetuação da espécie humana sobre a Terra.

Ao adentrarmos esse ponto, o valor da experiência que educa, é preciso muito compromisso com o que consideramos por processo educativo, pois está em nossas mãos a liberdade de escolha em se comprometer integralmente ou não com um processo que também reflete o significado de nossa existência neste mundo. Mas, como reconhecer o compromisso? E avaliar seu grau de comprometimento com o processo? O qual não deve simplesmente se ater ao caráter isolado do aspecto econômico-comercial do contexto contemporâneo. Talvez seja muito complexo delinear o fio condutor capaz de solucionar tais questões, pois assim como a escola é singular, a avaliação do compromisso pelo processo educativo também o é.

Além de que, devemos considerar que os saberes são muitos, e abrem margens para se refletir sobre a impossibilidade de qualificá-los entre mais ou menos

necessários para o desenvolvimento humano. Se a coerência por algum momento puder imperar, contribuirá para a variação e a variedade entre os saberes, que por sinal apresentam extrema importância para o desenvolvimento das crianças, dos jovens e dos adultos na escala do desenvolvimento das habilidades humanas. As quais se aprimoram com a decantação da imaginação criativa, que carrega em seu gene as potencialidades para a novidade, para o desenvolvimento de novas alternativas que se voltam a qualidade e a manutenção da vida. Deste modo valeu a pena voltar o olhar para a valoração do processo histórico que sinaliza a trajetória da humanidade em nome da vida. Trajetória essa bem pontuada por FREIRE (2000), ao justificar a abertura de sua primeira carta na obra *Pedagogia da Indignação*.

Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem risco, assumindo ou não, quer dizer, risco de que o sujeito que o corre se acha mais ou menos consciente. Posso não saber agora que riscos corro, mas sei que, como presença no mundo, corro risco. É que o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história. Daí a importância de uma educação que em lugar de procurar negar o risco, estimule mulheres e homens a assumi-lo. É assumindo o risco, sua inevitabilidade, que me preparo ou me torno apto a assumir este risco que me desafia agora e a que devo responder. É fundamental que eu saiba não haver existência humana sem risco, de maior ou de menor perigo. Enquanto objetividade o risco implica a subjetividade de quem o corre. Neste sentido é que, primeiro, devo saber que a condição de existentes nos submete a riscos; segundo, devo lucidamente ir conhecendo e reconhecendo o risco que corro ou que posso vir a correr para poder conseguir um eficaz desempenho na minha relação com ele. (FREIRE, 2000, p.30-31)

Talvez o que Paulo Freire aponta por risco se reflete enquanto dispositivo ou movimento que se lança ao mundo rumo a superação, ao caminho que ainda não se trilhou. E o problema em se privar do risco, da possibilidade que carrega a novidade é a abertura para um fluxo de retrocessos, é justificar a apatia que impede a manifestação da experiência, onde a experiência que se revela sempre singular e ao mesmo tempo muito significativa, o que não deveria lhe permitir encontra-se no patamar da informação. Sendo assim, qual seria a diferença entre experiência e informação? Se colocarmos frente a frente os elementos desta indagação, é também

se posicionar, escolher um lado, uma posição em meio a luta por uma educação mais humanista, mais integral, capaz de questionar-se e refletir sobre o aprender e a qualidade de oferta neste ensinar.

A experiência tem se tornado cada vez mais rara, compreender sua manifestação e seu valor nos dias de hoje talvez seja mesmo um risco, um desafio. Pois, a maneira como o “conhecimento” vem se propagando, na sociedade já tão conhecida como “sociedade da informação” onde os processos apresentam um caráter efêmero e superficial. Como diz LARROSA (2016): “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”, e neste rompante instaurado pela informação o que realmente procede é a perda dos acontecimentos em seu tempo, perdendo o significado do ocorrido, onde o que acontece não toca as pessoas, passa despercebido por elas em meio a pobreza acumulativa de informações esvaziadas de experiência.

Discorrer sobre a experiência não é e não foi uma tarefa simples, pois o empreendimento que permite o florescer da experiência demanda tempo, tempo para o processo do observar, do ouvir, do vivenciar e carregar os legados herdados pela troca do tempo, mediante o exercício da escuta e da propagação da narrativa, que germinam fenômenos guardiões da vida, que se perpetuam entre as memórias condicionando os ciclos do tempo a reverberação dos sentidos para a vida.

Neste movimento é possível destacar a diferença entre o saber da experiência e o da informação, o saber da experiência se manifesta por meio da memória narrada e sua riqueza enquanto uma educação manifesta pela sabedoria do saber-fazer, a qual tem a oferecer elementos virtuosos para a transformação do sujeito moderno em algo mais próspero e próximo do que deveria caracterizar o humano, propondo uma relação que se volta ao afeto, e se propõe conectar com seus aspectos mais orgânicos, mais próxima da natureza.

Diferente do alerta referenciado por LARROSA (2016), em que “a vida humana se faz pobre e necessitada” ao se referir a diferença entre experiência e informação. Ao passo que o saber ativo da vida humana manifesto pela experiência tem se tornado flutuante, estéril e desligado da possibilidade de encarar a vida, preso a condição de artefato técnico, ao qual a informação tem-se delegado como principal nutriente formativo. Assim, esta pesquisa tomou para si um fluxo inverso manifesto por este alerta, procurou investigar a experiência, buscou valorizar a vida e adentrar as brechas

que esse sistema frenético da sociedade capitalista ainda se deixa escapar, mesmo muitas vezes silenciando o existir das resistências, esse movimento latente da vida pede para ser ouvido.

E pensar sobre o movimento da vida é nos conectar a nossa relação com o mundo, é intensificar o valor do vivido, também chamado por experiência acumulada. O que nos permite partilhar das palavras de MERLEAU-PONTY (2011) para traduzir a relação entre a experiência e o trabalho com a história de vida na produção do conhecimento:

O mundo e a razão não representam problemas; digamos, se se quiser, que eles são misteriosos, mas este mistério os definem, não poderia se tratar de dissipá-lo por alguma “solução”, ele está para quem das soluções. A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta “profundidade” quanto um tratado de filosofia. (MERLEAU-PONTY, 2011 p.19)

Da mesma maneira que o movimento da filosofia é deslocar o nosso olhar, este trabalho com a D. Alzira nos oferece o ressignificar do aprender e do ensinar, podemos assimilar as letras, as palavras e as frases, assim como observar a anatomia de uma determinada planta e suas composições medicinais para curar uma doença. Assim D. Alzira sempre alertava, que tudo está no olhar e nas intenções, para curar o corpo antes é preciso compreender as aflições da alma. E como se fosse uma psicóloga, sempre perguntava as pessoas que a procuravam, “qual é o mal que lhe aflige?” E na conversa acalmava as emoções de seus benzidos, compreendia as causas e trabalhava na cura do problema com rezas, chás e aconselhamentos.

2.1 PEDAGOGIA ESPIRITUAL

Neste caminhar da escuta e do olhar, fui revisitando espaços e lugares que foram se delineando em meio a dinâmica deste percurso. E o lugar que vou me aventurar retomar para explicitar o que passei a compreender, e agora partilhar por pedagogia espiritual, é a capela de João de Camargo. Afinal, foi neste lugar que minha proposta de pesquisa começou a tomar corpo, e após alguns meses, D. Alzira partilhou comigo a memória de um milagre alcançado por ela, pelas graças de Nho João de Camargo.



Imagem 5

Fonte: elaborada pela autora

João de Camargo foi responsável por salvar a vida de sua filha Marina, pois quando criança sofreu de paralisia infantil, chegando a ser desacreditada pelos médicos, por uma melhora de seu quadro de saúde, onde sua morte passou a ser anunciada por uma questão de tempo com o avanço da doença, que para época não havia cura. Assim que D. Alzira recebeu o diagnóstico do quadro irreversível da filha não desistiu. Depoimento de D. Alzira:

Eu levava Marina para tomar banho de forno no hospital três vezes por semana, porque ela sentia muita dor nos ossos. Até o dia que o médico me disse que não adiantava ficar levando a menina no colo tantas vezes assim, pois o caso dela não tinha mais cura. Era para eu esperar a morte dela em casa, pois eu cansaria menos. Mas eu não desiste, naquela noite ajoelhei no chão do quarto assim que meu velho dormiu, e pedi com toda a minha fé um milagre pra Nho João, e fui dormir depois da reza. Durante a madrugada, senti um vento bem gelado e uma voz roca falando no meu ouvido: licor de cacau, licor de cacau. Acordei assustada e chacoalhei meu velho, dizendo: Veio o Nho João me trouxe o remédio pra Marina, meu marido me xingou. Dizendo para eu parar de mexer com gente morta. E ao amanhecer, chamei meu menino mais velho e mandei ele ir até o mercado municipal comprar o licor de cacau. Durante o dia segui minha intuição, e dei três doses em três momentos do dia para menina, e no dia seguinte ela acordou anima, sem dor e pediu pra visitar a madrinha. Fomos fazer a visita, e lá ela pediu para ir ao banheiro e ao fazer cocô, pedi pra ela que fizesse num jornal, e lá vi duas bixas que ela soltou, uma viva e outra morta.

Depois disso a menina curou, e nem os médicos conseguiam explicar o porque ela sarou, eu sei, foi minha fé em seu João. A comadre até levou a menina pra fazer exames depois, mas ninguém acreditava que ela tira curado. (D. Alzira, depoimento de março de 2016).

Com o milagre alcançado D. Alzira ainda segue cultivando a devoção no poder de cura do Senhor Capela, que é a maneira que ela também se refere a João de Camargo. Posso dizer que também fui atingida pela energia de João de Camargo, na medida que passei a visitar a capela com frequência ao longo da pesquisa. E em uma das visitas, me veio a aspiração de um ensaio fotográfico que fosse capaz de proporcionar o deslocamento de uma energia espiritual, que pudesse acolher as pessoas na forma de uma capela itinerante.

Este movimento de provocar o afeto pelo contato com as imagens que carregam as referências de lugares de fé e devoção, se revelou para o meu processo de pesquisa como um movimento de pedagogia espiritual. Termo este que procura traduzir uma espécie de quebra de barreiras, de experimentação de pedagogia que se permiti afetar pela sensibilidade que as imagens podem provocar, sentir o deslocamento da estrutura de uma capela para a representação fluída do que é sensível, trivial, ou simplesmente estético. O trabalho que passou a movimentar o devir para uma pedagogia espiritual, que busca acessar o olhar e o sentimento, para o apuramento da sensibilidade e do acolhimento, passou a definir o título do ensaio fotográfico como “a cena do velário”.

Reconhecendo o viés metafísico do ensaio fotográfico que teve seu início na capela de João de Camargo, seguindo para a loja de artigos religiosos “Sete flechas”, adentrando a capela das velas na basílica de Nossa Senhora Aparecida, transitando pelos registros de meus altares particulares até a capelinha do quilombo Cafundó. O movimento de captura das fotografias se deu na medida em que meu olhar se permitia entender que a pedagogia espiritual é a energia vital que carregamos no mover de nossas vidas, o peso e o florir de nossas intenções, a partilha da força do acreditar, capaz de curar e resolver os problemas superficiais do cotidiano apenas na emanção de boas vibrações.

A cena do velário é uma experiência estética, que busca compreender e partilhar o visível que instiga a busca pelos significados, a valorização da vida enquanto uma obra de arte, que não se cristaliza diante do conhecimento fixo e

dicotomizado que se faz eficaz na busca de certezas ou verdades imóveis e imutáveis. Posso dizer que a cena do velário é um retorno, um convite para olharmos para o nosso interior, reconhecendo que não é uma tarefa fácil em determinados momentos de nossa caminhada. Assim como sinaliza MERLEAU-PONTY (2007):

Vemos as coisas mesmas, o mundo é aquilo que vemos – fórmulas desse gênero exprimem uma fé comum ao homem natural e ao filósofo desde que abre os olhos, remetem para uma camada profunda a de “opiniões” mudas, implícitas em nossa vida. Mas essa fé tem isto de estranho: se perguntarmos o que é este nós, o que é este ver e o que é esta coisa ou este mundo, penetramos num labirinto de dificuldades e contradições. (MERLEAU-PONTY, 2007, p.15).

Ao considerar a cena do velário uma manifestação da pedagogia espiritual, gostaria de partilhar uma seleção de fotografias que compõem o ensaio fotográfico. Esta apresentação será dividida em três séries: o velário; pretas & pretos velhos e caboclos; os altares. E acompanhada por um poema de abertura.

A cena do velário

O que é o velário?

- A morada das velas, que velam pelas almas.

Mas o que é velar?

- É cuidar, é vigiar.

Mas o que é vigiar?

- É estar alerta!

Por que é preciso ficar alerta?

- Para não perder o caminho.

Qual caminho?

- O caminho certo!

Mas qual é o caminho certo?

- O caminho que nos leva a ouvir o coração;

o caminho do amor e do perdão.

- O mesmo caminho que traz luz para os dias de trevas;

a força e o sorriso para seguir na travessia do mar de angústias.

- O caminho do abraço acirrado, que fortalece os laços de lealdade com nossas obrigações morais, em meio ao propósito que alojamos no peito, impulsionados pela energia vital.

Você que tem fé; vela por nós.

Pois a fé não costuma falhar...

>>> O mergulho espiritual:

Acontece na caminhada transcendente do ponto máximo da imanência,

é a despedida do ciclo, é o último estágio para a elevação do ser.

Assim, eis os passos largos a morada dos ascensionados.

(Débora P. de Oliveira)

2.2 ENSAIO FOTOGRÁFICO: A CENA DO VELÁRIO



Imagem 6

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 7

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 8

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 9

Fonte: elaborada pela autora

Pretas & pretos velhos e caboclos



Imagem 10

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 11

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 12

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 13

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 14

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 15

Fonte: elaborada pela autora

Os altares



Imagem 16

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 17

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 18

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 19

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 20

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 21

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 22

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 23

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 24

Fonte: elaborada pela autora

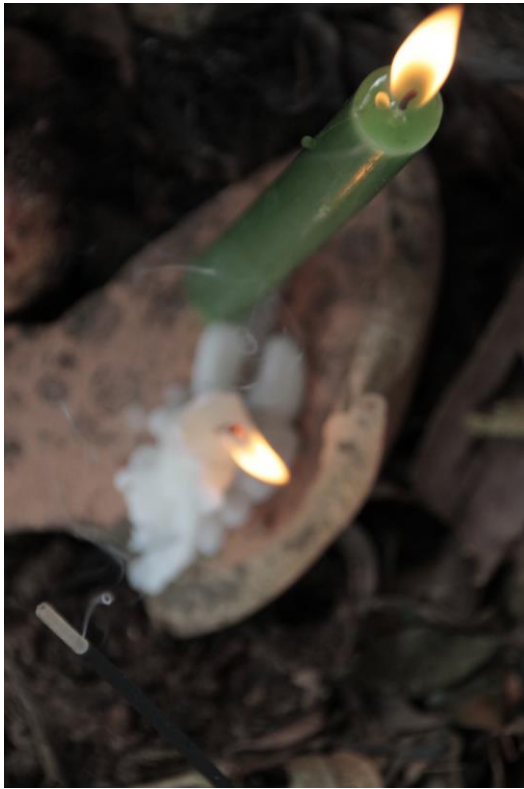


Imagem 25

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 26

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 27

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 28

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 29

Fonte: elaborada pela autora



Imagem 30

Fonte: elaborada pela autora

Carregado de representações e crenças, a cena do velário reverbera o trânsito da ilustração fotográfica para a descrição de um desdobramento das vivências de campo, resultando numa reflexão sobre a manifestação metafísica da vida no mundo. Ao passo que a materialização de um exercício de experimentação performática utilizando a expressão fotográfica para tal, faz de uma capela sem paredes, o reagente responsável em provocar a experiência de um espaço sagrado que possa ser vivenciado em meio à transposição das imagens fotográficas, e seus potentes efeitos a partir de uma pedagogia espiritual ao provocar a sensibilidade do encontro entre os olhares.

O enigma reside nisto: meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer no que está vendo então o “outro lado” do seu poder vidente. Ele se vê vidente, toca-se tateante, é visível e sensível por si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa o que quer que seja assimilando-o, constituindo-o, transformando-o em pensamento – mas um si por confusão, por narcisismo, por inerência daquele que vê naquilo que ele vê, daquele que toca naquilo que ele toca, do senciente no sentido - um si, que é tomado entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro.(MERLEAU-PONTY, 1984, p.85).

O ato da fotografia, foi escolhido por conta de sua a potencialidade exercida no caminhar do diálogo que se estabeleceu com experiências vividas neste percurso. Conversei com as imagens, pois elas me permitiram traduzir os segredos da fé, emanavam uma certa atualização do sagrado na captura do afeto, do registro para a preservação de um momento do acordo em nome da ação do olhar e seus desdobramentos a partir dos lugares e das entidades que se permitiram capturar em nome da fala por si, no mecanismo da luz e agenciada pelos significados dos enquadramentos que modelaram as mensagens dos retratos que seguem.

Perambulando assim de foto em foto (para dizer a verdade, todas públicas, até agora), eu talvez tenha aprendido como andava meu desejo, mas não tinha descoberto a natureza (o eidos) da Fotografia. Eu tinha de convir que meu prazer era um mediador imperfeito e que uma subjetividade reduzida a seu projeto hedonista não podia reconhecer o universal. Eu tinha de descer mais ainda em mim mesmo para encontrar a evidência da Fotografia, essa coisa que é vista por quem quer que olhe uma foto e que a distingue, a seus olhos, de qualquer outra imagem. Eu tinha de fazer minha palinódia. (BARTHES, 1984, p.91).

Que as palavras de Roland Barthes em *A câmara clara*, possam auxiliar na partilha do esforço e no desfrutar das aventuras que o olhar possa se permitir furtar em sensações e sentimentos, para dentro do plano de imanência que todo globo ocular capacite em sua habilidade de ver, o ver para além das formas.



Imagem 31

Fonte: elaborada pela autora

CAPÍTULO 3

Uma reflexão sobre o saber intuitivo e o saber da fé



Imagem 32

Fonte: elaborada pela autora

Refletir sobre a relação entre o saber intuitivo e o saber da fé é acender a chama para uma reflexão sobre uma experiência a partir do campo de uma filosofia da imanência. O que chamo de filosofia da imanência é a característica da atividade que se encontra no sujeito, sem dúvida de que, “todo o princípio ou todo o alimento, ou todo o termo do seu desenvolvimento, é um ponto de partida efetivo e um fim real, qualquer que seja, aliás, aquilo que haja entre as extremidades desta expansão e desta reintegração final”⁵

Uma reflexão sobre o conceito de imanência nos permite acessar a qualidade daquilo que pertence ao interior do ser, que está na realidade ou na natureza de sua existência. Deste modo, a busca em se compreender a relação que caracteriza um possível olhar sobre o benzimento enquanto um ato e um movimento entre os saberes

⁵LALANDE, A. Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia. Tradução por Fátima Sá Correia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

da intuição, considerando está uma chave intelectual da consciência e de seu vir-a-ser na condição do saber da fé também como um saber manifesto e considerado pelo exercício do entendimento e sua finalidade.

O saber da fé tem sido definido popularmente como o ato e o efeito do acreditar, naquilo que se deseja tornando até o improvável possível. O que faz da articulação deste saber uma promoção do limite que permeia a manifestação entre o desejo e a ação, a vontade e a realização, a intenção e a atuação em que de certo modo transita por toda uma tradição do pensar, e de como pensar.

Nesta condição emerge o interesse pela defesa de uma compreensão que ao longo do tempo se mantém dicotomizada, onde a verdade científica não se aproxima dos mistérios da fé, uma considera-se formalizadora do que é visível e a outra do que é invisível, a primeira destina-se à comprovação enquanto a segunda passou a ser delegada pela crença em seu caráter supersticioso.

O intuito desta reflexão não é defender ou julgar nenhum dos lados, mas acessar o elo comum entre eles, acompanhar o traço paralelo que une e atravessa essa variação linguística ao contornar cada um dos dois lados. Assim, podemos olhar para a intuição enquanto fluido e movente de toda potência que abriga a vida e a consciência, na busca por compreender o movimento capaz de integrar e revelar a necessidade do existir e do pensar na composição do dinamismo mecânico e orgânico em que a existência se configura.

Talvez este movimento de busca pela aproximação do saber formal por meio do conceito de intuição que orienta o saber intuitivo, com o saber da fé, que neste recorte de pesquisa se localiza a partir de um olhar sobre um legado do saber tradicional do benzimento, seja um exercício na tentativa de superar os valores que discriminam e invalidam a funcionalidade do conhecimento e suas variações, frente à integração das potencialidades do saber e suas extensões nos planos da subjetividade e da objetividade.

Considerar o saber da fé é também reconhecer o trânsito que a manifestação deste saber percorre mediante às várias instituições, desde as religiões e suas estruturas alicerçadas por mecanismos de agenciamentos pelas igrejas que são também instituições de controle e poder, até as orientações consequentes destas aos costumes e hábitos por meio das regras e os valores morais que configuram a estrutura das famílias mediante a concepção de uma ordem divina. Por outro lado, o

saber da fé também consiste em um conhecimento, em uma habilidade capaz no agir ou interpretar as manifestações pragmáticas de resolução de problemas, como a cura de doenças e diálogo com os fenômenos da natureza.

Assim o saber da fé nos encaminha para a consideração de um termo conceitual que nos permite acessar as vias do ritual de benzimento. Onde toda benzedeira deve ser honrada, pois traz em seu ofício a articulação entre a fé e o cuidado, manifesta por um conhecimento que se desenvolve no contato com preceitos herdados na relação geracional, transmitido na maneira de observar e administrar as causas e efeitos de um problema de saúde física ou emocional.

Na constituição do ofício do benzimento é preciso destacar três regras básicas que orientam o trabalho da benzedeira:

I – A atuação da fé enquanto um processo interno e externo de compromisso com a sabedoria que se manifesta como legado de um bem-fazer e sua transmissão, entre a benzedeira e a pessoa que recebe o benzimento.

II – A manifestação do verbo, que promove o ato de benzer por meio das palavras na manifestação das rezas que atuam na propagação deste bem-fazer, por meio de uma determinação magística em que o poder da fala acessa conexões com universos superiores, paralelos e bilaterais que orientam o saber da benzedeira.

III – O concílio do bom senso, na medida em que se lida com a vida das pessoas, que também são vistas pelas benzedeirosas como “almas cheias de histórias e emoções”, se faz necessário o aprimoramento da gentileza e da gratidão.

Assim o saber da fé é um caminho para muitos, simples e favorável, para outros um atalho impreciso e perigoso, não é negócio nem mercado, mas emanção de boas intenções e do bem-querer dos próprios seres. A fé também pode ser considerada um processo orgânico, pois organiza elementos simbólicos e ressignifica os dispositivos vitais daquele que por ela se utiliza para solucionar os impedimentos do funcionamento regular do corpo.

Já o saber intuitivo de acordo com a tradição filosófica, se manifesta de modo imediato e espontâneo, correspondendo com a capacidade de acesso sem demonstração à certeza de algo, ou a justificação de um fato. Este saber que se promove na atuação da intuição, a qual dispensa procedimentos intermediários para compreender a natureza de um acontecimento ou mesmo a finalidade de uma ideia, por muito tempo foi atribuído ao acesso à essência divina até as percepções que

viabilizam a gênese de um novo conhecimento.

No senso comum, as mães carregam uma intuição apurada, onde sabem por meio de uma percepção intimista o que pode acontecer, sem que nada nem ninguém as digam sobre as probabilidades de uma ação certa no futuro. Mas do que se trata a tal intuição? Como se manifesta? Por que se manifesta? Segundo as benzedoras, esse saber começa com o desenvolvimento do acreditar, de uma fé que não é cega, mas observável das dinâmicas que regulam as relações humanas em seu âmbito moral, e também nos detalhes que gerenciam a ordem natural da vida, entres todos os seres buscam preservar sua permanência na Terra por meio de seus esforços em as condições em que estão inseridos.

E assim como tudo e todos são capazes de aprimorar sua gama de saberes, as mulheres que usam de sua intuição, assim fazem como todos os seres vivos que podem ser observados e também podem aprender a observar. Fazem da percepção um campo fértil para a manifestação do saber intuitivo.

A busca do conhecimento, e as teorias que sintetizam o saber intuitivo são caminhos para o processo de expandir as consciências humanas, para o alargamento das fontes de desenvolvimento do conhecimento mediado pela temperança no encaminhar de preceitos para a melhoria da vida.

Falar da intuição é uma questão de singularidade, todos possuem a disposição do vir-a-ser do saber intuitivo em seu caminhar, e esse movimento que articula os afetos, os desejos e suas composições na atualização das novidades entre os conhecimentos motivados pela potência do agir, que é algo imanente, algo que parte do interior e da necessidade subjetiva de cada um. Processo este que atravessa os seres que se abrem ao plano de imanência.

[...] O plano de imanência é ao mesmo tempo o que deve ser pensado e o que não pode ser pensado. Ele seria o não-pensado no pensamento. É a base de todos os planos, imanente a cada plano pensável que não chega a pensá-lo. É o mais íntimo do pensamento, e todavia o fora absoluto. Um fora mais longínquo que todo mundo exterior, porque ele é um dentro mais profundo que todo mundo interior: é a imanência, “a intimidade como Fora, o exterior tornado intrusão que sufoca e a inversão de um e de outro”. A ida-e-volta incessante do plano, o movimento infinito. Talvez seja o gesto supremo da filosofia: não tanto pensar o plano de imanência, mas mostrar que ele está lá, não pensado em cada plano. O pensar desta maneira, como o fora e o dentro do pensamento, o fora não exterior ou o dentro não interior. O que

não pode ser pensado, e todavia deve ser pensado, isto foi pensado uma vez, como o Cristo encarnou-se uma vez, para mostrar desta vez a possibilidade do impossível. (DELEUZE, e GUATTARI, 2001, p.78-79).

E neste encontro com as recomendações de Gilles Deleuze e Felix Guattari, o plano de imanência é o campo de atuação para a intuição, para o saber intuitivo que é o movente da engrenagem que articula as experiências e suas significações imanentes, que se fazem na caminhada onde só é possível acessar as janelas da singularidade, os que se permitem a partilha do vislumbrar de seus perfis, dos detalhes e da vitalidade que promove a vida em seu palco. Que se bem acolhida por seu público, permite acessar as graças e gracejos da alma que se casa com o projeto espiritual de seu tempo.

Neste sentido o que é a fé? Será a fé pode ser considerada uma manifestação da intuição? Não sei se posso explicar os segredos da fé. Afinal, muitos não acreditam em seu poder, mas para aqueles que se permitem eis o encontro do saber intuitivo com o saber da fé. Ele pode ocorrer quando paramos para pensar sobre a duração, esta relação certamente está associada a nossa definição de tempo, e este pode ser determinado por uma cronologia ou pela intensidade de um momento incalculável. Mas a questão da duração que se busca levantar neste momento é referente ao processo da experiência psicológica.

Deste modo, antes da experiência é preciso que o campo da existência permita uma vasta variação de experimentações que configuram e significam o curso da vida e seu armazenamento dos processos de experiência vivida. Neste sentido é possível ressaltar uma reflexão aberta por Henri Bergson sobre o conceito de memória, como um atributo deste processo de armazenamento das experiências de vida, na medida em:

A existência de que mais certos e que melhor conhecemos é incontestavelmente a nossa, pois de todos os outros objetos temos noção que podem ser julgados exteriores e superficiais, ao passo que percebemos a nós mesmos interiormente, profundamente, o sentido preciso da palavra “existir”. (BERGSON, 2009, p.01).

Compreender o “existir” enquanto a chave que nos permite analisar as mudanças e as diferenças que carregam a transvaloração do movimento dinâmico e fluido da existência. É para Henri Bergson a constatação de que “a mudança é bem

mais radical do que se poderia pensar num primeiro momento”, o que define por mudança não é um rompimento entre os processos de conhecimentos, mas as aproximações entre áreas de saber que se permitem colaborar entre si. Como é o caso da psicologia para com a filosofia, em que a relação entre as duas buscam entender a condição humana em suas várias manifestações herméticas do processo de subjetivação. Onde as capacidades cognitivas e intelectivas de leituras e análises permitem um acesso à sobrevivência, à elucidação da vida e seu respiro no processo e no sentido do existir.

Assim toda experiência psicológica resulta na síntese de um fluxo de interpretações e significações, que favorece a produção linguística de vocabulários, conceitos, culturas e variações simbólicas norteando o jogo da vida e suas políticas na ação da existência. Por isso a escolha pela postura de “ouvidora e contadora de histórias” não foi à toa. Ao exercer a escuta e escrita adentramos no movimento que tornar a vida inteligível. Este movimento talvez seja o que possibilita a captura e a leitura das frações do real vivido, enquanto resultado de um processo de vivência implicada, de uma existência encarnada, em meio a um conhecimento empírico radical.

Considerando a duração e a simultaneidade do processo de existir, de pensar e conhecer a dinâmica de um empirismo radical, que leva em consideração o encontro e a sequência complementar entre as polaridades que definem as correntes de um vasto legado do pensamento ocidental, entre os papéis do racionalismo e do empirismo, que apesar da falha dicotomizada que as carregam em meio às teorias do conhecimento fragmentadas em suas interpretações, eis a possibilidade em se observar o fluxo que aproxima o ser do fazer.

A seguir as colunas de construções mentais elencadas por Willian James em sua introdução a um empirismo radical, nos ajuda a visualizar e ressignificar o movimento entre elas. Que permite na duração de um processo de conhecimento considerar a manifestação da fé como uma atuação intuitiva.

Quadro demonstrativo, baseado nas considerações apontadas por Wilian James:

<u>Espírito terno (Eterno / Fixo)</u>	<u>Espírito duro (Material - Perecível / Efêmero)</u>
Racionalista (segue princípios)	Empírico (busca experimentos, segue fatos)
Intelectualista	Sensacionalista
Idealista	Materialista
Otimista	Irreligioso
Religioso	Fatalista
Livre – arbitrista	Pluralista
Monista	Cético
Dogmático	

E apesar destas construções mentais se apresentarem enquanto dualidade na classificação dos conceitos e nas definições de algumas abordagens analíticas, não há entre elas uma separatividade de fato ao longo dos processos de efetivação do conhecimento. Já anunciava Henri Bergson ao tratar do campo virtual entre a temporalidade e a corporalidade, como uma projetiva manifestação orgânica do campo temporal, ou seja, no plano da existência tudo é duração e simultaneidade na medida em que:

Percebermos o mundo material e essa percepção nos parece, com ou sem razão, estar concomitantemente em nós: por um lado, é um estado de consciência; por outro, é uma película superficial de matéria onde coincidiriam o senciante e o sentido. A cada momento de nossa vida interior corresponde assim um momento de nosso corpo e de toda a matéria circundante, que lhe seria “simultânea”: essa matéria parece então participar de nossa duração consciente. (BERGSON, 2006, p.52).

Na mesma via com outras palavras Willian James aponta para as pistas deste processo de entendimento e integração das partilhas destes dois campos conceituais, o que constitui o movimento do saber ao considerar que “o mundo é indubitavelmente um, se observado de certo modo, mas, sem dúvida, pode ser muitos se observado de outros modos”.

A questão que permeia a temporalidade e corporalidade em meio a duração e a simultaneidade, está diretamente ligada a relação da consciência e do corpo em movimento na relação e produção da existência no mundo, esse dinamismo é o que garante a experiência como resultado de processos acumulativos e familiares a consciência no desvendar dos planos que nos revelam a realidade, e conseqüentemente a memória sobre ela. Conhecer, aprender e ensinar assim como para o benzimento é também um movimento de propagação e extensão da vida e de

todas as suas variáveis significações no universo habitado.

CAPÍTULO 4

O campo dos saberes e a economia da vida

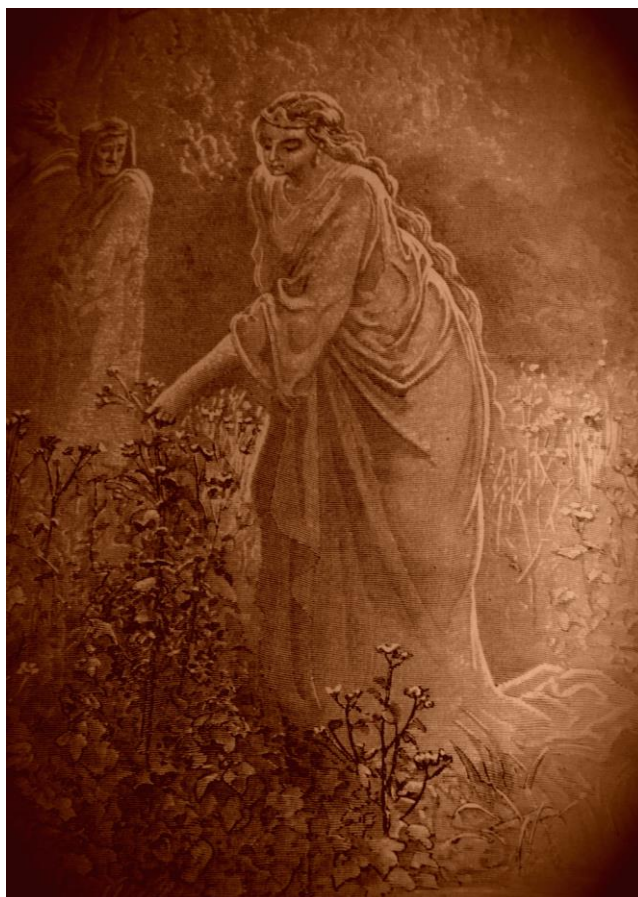


Imagem 33

Fonte: elaborada pela autora

Ao me colocar a refletir sobre o campo dos saberes e a economia da vida, associando esta às suas raízes enquanto um hábito arcaico na definição grega referente aos cuidados com o lar, que expõem a necessidade dos cuidados para com a casa e conseqüentemente para com a comunidade. É também definida como a base de uma estrutura familiar e social, nutrida e regada pelos saberes e seus vastos campos em que as vivências podem despertar o preço e cuidado que demanda a manutenção da sobrevivência.

Na condição de um processo de investigação sobre as trocas de saberes que

valorizam a qualidade da vida, onde as relações são mais delicadas do que uma relação econômica, de caráter estritamente mercantil, pois a economia da vida não se resume apenas a projeções e cálculos comerciais, mas a um exercício de existência em movimento, em articulação estrutural e simbólica a partir das relações que favorecem o campo dos agenciamentos, sejam estes cognitivos, simbólicos, linguísticos, ou simplesmente estéticos responsáveis pelo desempenho da vida e a perpetuação das tradições que garantem a valorização do estar vivo.

Pois na vida, o substantivo feminino delegado aos cuidados com a natureza, visto como um saber menor, pode nos surpreender se voltarmos o olhar aos cuidados e a integração dos aspectos naturais na composição dos organismos, sejam eles humanos ou de qualquer outro gênero orgânico que habita a terra. Este olhar nos permite acessar a expressão de uma totalidade de possíveis, que viabiliza as potentes atuações na travessia da existência, na medida em que as singularidades mediadas pelo acesso à sensibilidade podem se afetar pelo mundo se integrando a ele.

Dentro desta categoria conceitual, a economia da vida só se expande e se complexifica, a partir do desencadear da transvalorização dos padrões que norteiam o existir em nossa visão ocidental, contemporânea na sociedade capitalista, que estamos inseridos. Este processo de superação de uma visão hegemônica voltada a atuação fragmentada dos padrões que condicionam o existir é um grande desafio a cada ser em se colocar na via contrária ao estabelecido, rumo a desterritorialização de seu espaço construído pelas bases disciplinares das relações de poder.

Ao se aventurar sobre os traçados de uma nova territorialidade da vida, a partir da reconfiguração e resignificação da existência que se permite despertar no momento do olhar, do sentir e do se apropriar da experiência vivida nas relações de troca capazes de produzir significados na valorização do sentido e do existir, propagando um legado de aprendizagens desempenhadas pelos hábitos e técnicas, para manter uma certa estabilidade na luta pela sobrevivência, da vida e da memória preservando o que foi útil na solução dos conflitos e na dinâmica do conviver até o momento de atualização da necessidade do tempo presente.

Diante deste fluxo do pensar, gostaria de partilhar uma tríade de questões existenciais, que passaram a despertar no meu contato com o existencialismo...

>O que é existir?

>Por que é difícil observar?

>Por que é limitador admitir o não saber?

Esta tríade de questões, talvez sem uma sequência tão direta entre si, pode ser considerada apenas uma aspiração estética. Mas a reflexão estética é também um movimento de proximidade do existir ao observar o movimento deste enquanto narrativa de um legado, assim como me atravessou o olhar e as palavras de Merleau-Ponty, ao estender o convite para desfrutar do movimento produzido pela experiência e sua interação com o mundo.

Na busca do estudar a história de vida de alguém, o enfrentamento das contradições geradas pela fragmentação das condições de contato com os questionamentos e as argumentações que delinearão o fio desta abordagem, me colocaram também diante da responsabilidade com os resultados deste trabalho. Que passou a se traduzir como um compromisso ético, dedicado ao esforço e apreço das demandas sociais, visando o florescer de novos dias, de novas condições para o desdobrar da vida, balanceado as compensações de ausências dos saberes, dos contatos, dos dizes que afirmam e legitimam a exclusão e a liberdade.

A pesquisa sobre a história é sempre política, em seu sentido mais amplo e coletivo do conceito, pois, é por meio da política que avançamos nos orçamentos dos valores, que em muitos casos se apoderam do medo em meio a tantas fugas e ambições desmedidas, desqualificando deste modo a regularidade de uma dinâmica organicista das ocorrências que corporificam os espaços e significam o tempo.

Nestas palavras de O olho e o espírito, Merleau-Ponty traz sutilezas singulares de uma projeção do efêmero, que nos conduz a um degustar que se desmancha no vasto campo das potencialidades para o existir e sua produção de pensamentos e conhecimentos:

Mister se faz que o pensamento de ciência – pensamento de sobrevôo, pensamento do objeto em geral – torne a colocar-se num “há” prévio, no lugar, no solo do mundo sensível e do mundo lavrado tais como são em nossa vida, para nosso corpo, não esse corpo possível do qual é lícito sustentar que é uma máquina de informação, mas sim esse corpo atual que digo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. É preciso que, com meu corpo despertem os corpos associados, os “outros”, que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me assediam, que eu assedio, com quem eu assedio um só Ser atual, presente, como jamais animal assediou os de sua

espécie, seu território ou seu meio. Nesta historicidade primordial, o pensamento alegre e improvisador da ciência aprenderá a insistir nas próprias coisas em si mesmo, tornará a ser filosofia... (MERLEAU-PONTY, 1984, p.86).

Este processo do existir é um movimento do pensar que busca preservar uma herança do saber que favorece a orientação nas descobertas do presente, assim como os legados ancestrais dos saberes de antigas tradições destinados de uma geração a outra, por conta da rica herança geracional que se acopla ao sentido de movimento da vida.

Assim são as escolas dos ensinamentos que norteiam o campo dos saberes, responsáveis pela dinâmica dialética que movimenta o espírito que vaga pela historicidade dos tempos, e suas linhas cíclicas, como os ciclos da lua e das marés para aqueles que lidam com a terra e suas estações sazonais. O tempo e suas estruturas, é o enigma da natureza, do planeta diante de suas variações no processo das organicidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma breve reflexão sobre a caminhada

Neste caminho para a despedida do percurso traçado, talvez seja o momento para o fechamento das questões abertas, assim as correspondências em sínteses passam a reverberar a fluidez do que foi vivido, do que foi ensinado e do que foi apreendido.

Para deixar os passos percorridos conforme o objetivo das primeiras pegadas, este trabalho tratou da história de vida de uma mulher, que por meio de seu saber-fazer desencadeou o descolamento da pesquisadora. Que aceitando o desafio e o compromisso de uma pesquisa participante, buscou ouvir para aprender a benzer, buscou se doar para também receber.

E entre tantas histórias, benzimentos e aconselhamentos de um bem-querer, em uma noite já beirando o tempo das escritas finais, tive um sono com a D. Alzira.

Depoimento da pesquisadora:

Sonhei que eu e ela (D. Alzira) éramos crianças, e estávamos penduradas num pé de fruta bem alto. E ela olhou para mim e disse que me contaria todos os seus segredos, e neste momento um medo gigante me assombrou. E eu retornei a ela dizendo, mas você não pode me contar todos os seus segredos, é muita responsabilidade guardá-los. Assim ela riu, e respondeu: - Calma Débora, vou te contar tudo o que eu quiser e achar necessário, e você vai guardar tudo o que lhe couber, afinal somos apenas viventes neste grande mundo de Deus. Nos abraçamos como se aquele abraço fosse eterno. (Débora P. Oliveira, depoimento de novembro de 2017).

Como esta pesquisa tratou de olhar para a vida, penso que este sonho traduz um tanto da responsabilidade que é lidar com a pesquisa implicada, com o valor dos sentimentos e os limites que a confiança nos emprega. Talvez a presença da D. Alzira no texto pudesse ser maior, mas considerando que o desenrolar da pesquisa foi conhecê-la e aprender com ela o que tinha para ser partilhado. Digo que minhas palavras na tentativa de descrever suas rezas, de registrar seus valores, e questionar o para quê educar. A busca pelo apresentar o que foi vivenciado é o resultado de tudo que até o momento presente pode ser capturado e traduzido como fruto maturado de uma economia de trocas.

Considerando que esta abordagem não se deve fechar, do mesmo modo que a vida, permitindo que acesso a muitas outras histórias sejam ouvidas, revividas e registradas no intuito de rever o que não pode ser visto. De saber que o silêncio também diz muito, assim que as vozes do silêncio sejam ouvidas pelos corações das almas, que não temem o desafio do constante vir-a-ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2003.
- BARTHES, Roland. A câmara clara: notas sobre a fotografia. Trad. de Júlio Castañon Guimarães – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte política: ensaios sobre literatura e história da cultura; tradução de Sérgio Paulo Rouanet (Obras escolhidas; v.1) 7ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BERGSON, Henri. Cartas conferências e outros escritos. (Os pensadores); seleção de textos de Franklin Leopoldo e Silva. Trad. de Franklin Leopoldo e Silva, Nathanael Caxeiro – São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. Duração e Simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein. Trad. Claudia Berliner; revisão técnica Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOSI, Ecléia. Memória e sociedade: lembranças de velhos 3ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1981.
- BRANDRÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação; 12ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz 2ª ed.– Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade; 11ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos; 1ª ed. - São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- JAMES, William. Pragmatismo e outros escritos. (Os pensadores) Trad. de Jorge Caetano da Silva e Pablo Rubén Maricanda. 2ª ed. - São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- JAPIASSU, Hilton. A pedagogia da incerteza e outros estudos. Rio de Janeiro: Imagem, 1983.
- LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MANO, Maria Amélia Medeiros; PRADO, Ernande Valentin. Vivências de educação popular na atenção primária à saúde: a realidade e a utopia – São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Textos escolhidos. (Os pensadores); seleção de textos

de Marilena de Souza Chauí. Trad. e notas de Marilena de Souza Chauí, Nelson Alfredo Aguilar e Pedro de Souza Moraes. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. O visível e o invisível. Trad. de José Artur Gianotti e Armando Moura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. O que é benzimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. São Paulo: Revista Brasileira de História, vol.9 no18, p. 09-18. Agosto de 1989.

_____. Minha história das mulheres. Trad. Angela M. C. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2015.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGO, Luzia Margareth. A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.

ROLNIK, Sueli. Pensamento, corpo e devir. Caderno de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Pós-Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set. / fev. 1993.

_____. "Fale com ele" ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: Galli Fonseca, Tânia e Engelman, Selda (Org.). Corpo, arte e clínica. Porto Alegre: UFRGS, 2003^a. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Divorcio.pdf>> Acesso em 10 dez. 2017

SANT'ANA, Elma; SEGGIARO, Delizabete. Benzedeadas e benzeduras. Porto Alegre: Alcance, 2008.

_____. Parteadas, benzedeadas e benzeduras: Uma cultura tradicional. Porto Alegre: Alcance, 2012.

SPINOZA, Benedictus de. Ética. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.